



Universidade da Amazônia

# Uma Pupila Rica

de Joaquim Manuel de Macedo

**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [nead@unama.br](mailto:nead@unama.br)



## Uma Pupila Rica

de Joaquim Manuel de Macedo

### PRIMEIRO ATO

Sala de estudo e de trabalho de senhoras: duas portas ao fundo: ao lado direito uma porta ao fundo e janelas abrindo para o jardim: piano, harmônico ou harpa, músicas, mesa contendo frutas, papéis, álbum, estojos de desenho, bastidores ricos para bordados, grande espelho, mobília elegante e apropriada, ornamentos, quadros de trabalhos de seda e de flores, flores naturais e vasos.

### CENA I

#### Firmino e Teodora

**Teodora** — Isso não... Eu não posso deixar de convidar Estefânia: sei que o sobrinho tentou fazer ou mesmo fez a corte a Corina e sou capaz de jurar que a tia não foi estranha a isso; mas tua pupila repelia definitivamente a um, e eu te asseguro que hei de espantar a outra.

**Firmino** — Todavia! Conhecer-lhes as intenções e chamá-los para casa é o maior dos erros: bastam as visitas com que eles me importunam...

**Teodora** — Queres que eu rompa minhas relações com Estefânia?... Digo-te que não vale a pena lembrar a pretensão já anulada de Fortunato... Sabes, se também devo ter cuidado...

**Firmino** — Bem. (toma nota a lápis) Vá mais d. Estefânia e seu sobrinho Fortunato. (dobra o papel) Dezoito convidados: não passo além.

**Teodora** — Por exceção valia a pena dar um baile: o filho do barão do Lago Azul se vaneceria do obséquio: asseguro-te que ele está cativo de Júlia.

**Firmino** — Parece, mas começamos errando: embora Teófilo já tivesse uma vez encontrado Júlia em casa de tua irmã, devias quando esse mancebo te foi apresentado anteontem, limitar-te a oferecer-lhe a nossa amizade.

**Teodora** — Foi isso que fiz, já te disse vinte vezes; conheces porém a cabecinha de nossa filha: apenas minha irmã fez-lhe o presente da boneca, propôs logo o batizado, declarou-se madrinha, e convidou para padrinho Teófilo que aceitou encantado. Que poderia eu dizer?...

**Firmino** — Júlia está muito adiantada! Convém abrir-lhe os olhos, ou pelo contrário aconselhá-la a não abrilos tanto...

**Teodora** — Inocência de menina...

**Firmino** — Inocência?... O batizado é pretexto para festa, e a boneca é chamariz de bonecas.

**Teodora** — Ainda bem que o boneco é filho de fazendeiro riquíssimo.

**Firmino** — Sim, o partido é ótimo: todavia... Tua irmã foi casada com um parente de Teófilo: foi ela quem deu a boneca a Júlia; a festa do tal batizado bem poderia ter sido determinada para sua casa... Eu faria as despesas: depois convidaríamos Teófilo a jantar conosco...

**Teodora** — Isso não tem senso comum, Firmino; minha irmã é uma pobre paralítica, e somos nós que temos interesse em atrair o filho do barão do Lago Azul.

**Firmino** — E só por esta razão cedi, mas vê bem que as reuniões e saraus em nossa casa por ora não possa convir-nos: Corina já fez 15 anos, e apesar do retiro em que a temos, é patente o cerco que lhe fazem: depois do dr. André de Araújo, conto mais dois pretendentes ao seu dote.

**Teodora** — Devias tê-la deixado presa no colégio até que ela se resolvesse.

**Firmino** — No colégio até os quinze anos! Já estaria casada sem vontade própria, sem audiência minha, e sem licença do juiz dos órfãos.

**Teodora** — E por causa de Corina há um ano que suspendemos os nossos saraus! É preciso acabar com isso!

**Firmino** — Maldita ambição dos homens! Se Corina não tivesse seus duzentos contos de réis, nem pensaria na minha pupila. Poucos a têm, e ela tem mais pretendentes do que Júlia: eu até desconfio de Teófilo...

**Teodora** — De quem a culpa? Desde alguns meses Corina podia estar casada com o meu Carlos, se não te obstinasses em querê-la para o filho da tua primeira mulher!

**Firmino** — Recomeças, Teodora!...

**Teodora** — Sempre me fizeste a vontade; agora, porém, queres sacrificar meu filho à memória e ao amor da tua defunta: é porque sou muito menos amada do que ela o foi.

**Firmino** — Reflete, Teodora: teu primeiro marido foi rico, e na herança paterna Carlos possui bom princípio de fortuna, o meu Peregrino não herdou um real de sua mãe e assim...

**Teodora** — Tenho eu culpa de que a tua defunta não tivesse onde cair morta? Há dezessete anos que o teu Peregrino gozou, não pouco, do que me deixou o pai de Carlos. Não basta?...

**Firmino** — Neste assunto hei de resistir aos teus caprichos.

**Teodora** — E ainda há pouco falavas na maldita ambição!... Que tutor modelo és tu, Firmino!...

**Firmino** — Principias a ofender-me!...

**Teodora** — Se me provocas!... Eu quero Corina casada com o meu Carlos!

**Firmino** — Que inocente paixão por Corina!...

**Teodora** — É como a tua... Melhor do que a tua!

**Firmino** — Corina é minha pupila! Sou eu que tenho direitos sobre ela.

**Teodora** — Menos a de condená-la a ser desgraçada com teu filho, que só quer empolgar-lhe o dote...

**Firmino** — Empolgar-lhe!... Ah! Mas se fosse Carlos... Teodora... Isto não é decente... Acabemos...

## CENA II

### **Firmino, Teodora e Suzana**

**Suzana** — Não é decente, não: (avançando) os criados podem ouvir!

**Firmino** — Tia Suzana!

**Suzana** — Acabo de voltar da igreja com a alma cheia de consolação, e, entrando em casa, acho logo um desgosto!... Por que não procuram a igreja, como eu?...

**Teodora** — Minha tia...

**Suzana** — Vocês viveram bem até hoje. Deus nosso Senhor estava nesta casa; que tentação maligna os expõe à perder a celeste graça?...

**Teodora** — Nós nos amamos, como antes, minha tia. Tivemos apenas arrufos sem conseqüência.

**Suzana** — Não, eu sei o que é. Desde algum tempo vocês disputam a miúdo, e nem sabem guardar a disputa para a hora e o lugar em que o sacrário dos esposos se fecha aos olhos e aos ouvidos da família. Essa indiscrição é o castigo da ira, como essa luta cruel em que estão, é o castigo de ambiciosa avareza.

**Firmino** — (a Teodora) E esta? É bem feito: aturamo-la agora.

**Suzana** — Tenho-os ouvido por vezes... Custara-me a confundi-los com a verdade... Hoje não posso mais... O dever da consciência o manda: é por amor de vocês que vou falar...

**Teodora** — (a Firmino) Tem paciência, ouçamos o sermão da santa velha.

**Suzana** — Meus filhos, uma órfã é criatura sagrada. Por isso mesmo que na terra perdeu seus pais, por isso mesmo que é raro o tutor que sabe servir de pai, ela é a filha mimosa do Pai do céu: das lágrimas da cruz, uma lágrima é a sagração da paternidade divina da órfã. Quem atormenta a órfã, flagela a Jesus.

**Teodora** — Que quer dizer, minha tia?...

**Suzana** — Corina é órfã e está marcada para vítima da ambição do ouro: sua vida se resume em duas palavras: — sofrer por ter.

**Firmino** — Tia Suzana!

**Suzana** — É a verdade que devo fazer-lhes ouvir. Corina é rica, e só porque é rica o tutor a quer para seu filho, a esposa do tutor a exige para o seu e discordes nesse antagonismo de ambições, conspiram de acordo contra a liberdade da órfã, premeditando o seu sacrifício...

**Firmino** — Senhora!...

**Teodora** — (a Firmino) Deixe-a falar; é inofensiva.

**Suzana** — A órfã vive enclausurada: Júlia vai ao teatro, aos bailes, aos passeios, e Corina fica sempre com a velha Suzana. Júlia canta, dança e toca na sociedade para atrair admiradores, e Corina não tem direito de ostentar as mesmas prendas que, aliás, possui; Júlia se mostra em toda a parte para ser desejada e amada, e Corina só por acaso chega à janela, mas sempre ao lado do seu tutor que lhe encadeia os olhos: vem-lhe do mal o bem, porque a órfã vive ao menos na ignorância das perversões do mundo, e em vez de ser mártir, se conserva anjo.

**Firmino** — Conservava, pois o meu zelo e os meus escrúpulos de tutor?...

**Suzana** — Desconfio de quem é mais escrupuloso como tutor, do que como pai. Bastava a Corina metade dos inocentes gozos de Júlia.

**Firmino** — É, portanto uma acusação?...

**Suzana** — Não acuso, apenas por amor de nós mesmos mostro o vosso pecado, e peço o arrependimento do tutor ambicioso. Corina é sonogada ao mundo para que não seja senão Peregrino e Carlos: o tutor e mulher do tutor enclausuram a órfã para obrigá-la a aceitar, a receber um de seus cativeiros como simulacro de liberdade. Meus filhos, eu juro pelos Santos Evangelhos, que vós ofendeis assim a lei da terra, e a santa religião daquele que morreu na cruz do Calvário...

**Teodora** — Minha tia, que idéias são essas?...

**Suzana** — Se estou em erro, peço humildemente perdão, mas eu tenho ouvido mais de uma vez a disputa do marido e da mulher, não sobre o merecimento, porém sobre o dote da órfã desejada para enriquecer os filhos... Vejo na clausura da órfã a premeditação do sacrifício... Depois da clausura pressinto a violência... Tudo quanto a ambição inspira... Talvez o crime.

**Firmino** — Senhora!...

**Suzana** — A violência... O crime... Meus filhos: eu não hei de ver a violência e o crime sem protestar contra eles. Era isto o que eu tinha a dizer... Custou-me muito: perdoem-me, porque vos amo; mas arrependam-se, porque estão em pecado mortal.

**Firmino** — Vá rezar o seu rosário, tia Suzana; vá...

**Suzana** — Vou: o meu rosário é a minha fortaleza, e com a inspiração do meu rosário hei de cumprir sempre o meu dever diante de Deus. Fiquem, se podem, na paz do Senhor. (vai-se)

### CENA III

#### **Firmino e Teodora**

**Firmino** — Quem esperaria por semelhante sermão de quaresma?... Tu és a culpada, Teodora, pois que nos comprometes ambos com imprudentes e importunas contestações.

**Teodora** — Acabemos de uma vez com elas: enquanto minha tia ralhava, eu refletia, pois que nenhum de nós cede ao outro, deixemos a Carlos e a Peregrino o empenho de conquistar o coração de Corina e a esta o direito de escolher entre os dois.

**Firmino** — Acho muito razoável esse alvitre.

**Teodora** — Ambos nos conservaremos absolutamente alheios à luta rival: nem tu apoiarás as pretensões de teu filho, nem eu as do meu.

**Firmino** — Convenho; já deveríamos ter assim resolvido a questão.

**Teodora** — Em oito dias obrigaremos Corina a decidir-se por Carlos ou por Peregrino.

**Firmino** — Perfeitamente.

**Teodora** — Eu te juro, sob minha palavra de honra, que serei em tudo fiel a este acordo.

**Firmino** — Faço o mesmo juramento.

**Teodora** — Vês? Acabo sempre por concordar contigo: muito bem: agora mais duas palavras sobre o batizado da boneca: teimas em não querer que a reunião seja numerosa?

**Firmino** — Um batizado de boneca é um passatempo tão juvenil que concedido à uma moça de dezesseis anos, só se tolera em família e em sociedade de íntimos amigos.

**Teodora** — É uma explicação; mas se Júlia exigir grande festa e baile?...

**Firmino** — Júlia! Júlia! Tu a deitaste a perder...

**Teodora** — Sim... Fui eu!... Mas se ela exigir?...

**Firmino** — Oh! Não lhe digas que resumimos os convites; deixa que ela sonhe com o baile.

**Teodora** — Previno-te de que em caso de revolta direi a Júlia que se entenda contigo.

**Firmino** — Não: é melhor iludi-la... Júlia é uma bonequinha... Mas parece que a lembrança de Teófilo não lhe perturba o sono. (consulta o relógio) Dez horas da manhã!

**Teodora** — Vou ver se as duas meninas já se resolveram a amanhecer. (vai-se)

**Firmino** — (seguindo-a) Até logo... Saio; mas volto cedo.

### CENA IV

#### **Firmino e Peregrino**

**Firmino** — Ah! Pensei que não estavas em casa.

**Peregrino** — Entrei agora mesmo: vim pedir a meu pai que não esqueça o meu amigo Simão de Souza na lista dos seus convidados para o batizado da boneca de Júlia.

**Firmino** — Simão de Souza... Que espécie de interesse...

**Peregrino** — Ele me protege em meus negócios: ainda há três dias adiantou-me dinheiro para comprar quatro escravos que logo vendi com seiscentos mil réis de lucro.

**Firmino** — Ah! Eu sempre o tive por homem de bem... Ultimamente festeja muito Teodora, quando a encontra no teatro ou no baile. Vou mandar convidá-lo...

**Peregrino** — O convite o exultará: o meu amigo pensa também, como outros, a respeito de Corina...

**Firmino** — Em Corina?... Onde a viu?...

**Peregrino** — Não a viu ainda, mas tem conhecimento de seu dote...

**Firmino** — Não pode ser convidado.

**Peregrino** — Meu pai, Simão de Souza começa a envelhecer, é feio e rude. Não há risco em deixá-lo vir; mas dada a hipótese de que fosse feliz, eu que receio não vencer a indiferença glacial de Corina, teria a consolação de vinte por cento do dote da noiva.

**Firmino** — Então ele te propôs?...

**Peregrino** — Isso é casar-me com uma sobrinha que possui cerca de trinta apólices de conto de réis.

**Firmino** — Convidarei em todo o caso o homem. (vai à porta do interior)

**Peregrino** — Obrigado, meu pai.

**Firmino** — Teodora está no segundo andar: escutas, trata com atividade de agradar a Corina: eu tenho de fingir-me neutro, chama ao teu partido a filha do teu padrinho, que gosta muito da minha pupila... Eu já vou falar ao compadre: nada disso seria preciso se eu não tivesse oposição em casa... Mas Carlos.

**Peregrino** — Carlos não me incomoda: é um excelente mancebo, que estudou suas letras, agora passa a vida, freqüentando as galerias das câmaras, fazendo versos e lendo romances e poesias. Está arrufado comigo porque soube que eu negociava em escravos.

**Firmino** — E que tem isso?...

**Peregrino** — Carlos é um pobre e vão sonhador; há de proceder como eu quiser.

**Firmino** — Sim... Porém a mãe de Carlos...

**Peregrino** — Minha madrasta... Esposa do meu pai... Eu a respeito e amo; todavia é mãe, e é raro que, julgando de seu filho, haja mãe que deixe de ser tola.

**Firmino** — (rindo) Este Peregrino!... Mas... Já te disse o que queria... Teodora pode chegar... Vai-te.

## CENA V

**Firmino, Peregrino**, que se retira, **Criado**, que se retira, e logo **Tomás Pereira**

**Criado** — O senhor Tomás Pereira.

**Firmino** — Conduza-o para esta sala (vai-se o criado).

**Peregrino** — Meu pai, eu prevenirei ao meu amigo Simão de Souza...

**Firmino** — Ele receberá o convite daqui a duas horas...

**Peregrino** — Vossa mercê me dá dinheiro a ganhar... Hoje comprei escravos. Não tenho reservas com meu pai: uma pupila rica é mina de ouro... O caso é saber explorar a mina... (vai-se)

**Firmino** — (a Tomás) Sem cerimônia... O senhor é amigo da família. (saúdam-se) Sente-se... (sentam-se) por aqui a esta hora?

**Tomás** — Dever de fiel corretor: vendi as três apólices melhor do que esperava: eis o dinheiro e a nota da transação. (entrega)

**Firmino** — (Examinando o papel e o dinheiro) Que diligência! Obrigado.

**Tomás** — A minha visita ainda tem outro motivo... Mas confidencial.

**Firmino** — Pode falar, estamos sós.

**Tomás** — Sou corretor, procurador, negociador, e quando proponho, não ofendo: franqueza, no seu lugar eu já tinha casado sua pupila; uma vez, porém que o senhor o não quer fazer, digo-lhe que serialoucura rematada não ganhar licitamente algumas dezenas de contos, livrando-se do encargo da tutoria.

**Firmino** — É uma nova, a terceira proposta que me vem fazer para casar Corina?...

**Tomás** — Um negociante, boa firma, casa acreditada, moço elegante e honrado pede a mão da sua pupila; condição: vinte por cento do dote ao tutor, cinco por cento ao corretor, perpétuo segredo da transação. Que diz?

**Firmino** — Que o Senhor me confunde com os tutores sem consciência e sem honra, com os traficantes que exploram em seu proveito um depósito sagrado.

**Tomás** — Não se ofenda e ouça-me: recebi a confiança dos seus negócios, conheço a situação da sua casa e da sua fortuna: devo dizer-lhe que os seus recursos estão quase esgotados, e que a sua ruína será completa no fim de um ou de dois anos.

**Firmino** — Ficar-me-á ilesa a probidade e tranqüila a consciência. Corina ainda é muito criança: quando estiver no caso de fazê-lo, escolherá livremente o seu noivo: o juiz dos órfãos aprovará esta minha disposição: estou satisfeito.

**Tomás** — Sua alma sua palma: quer ser Catão, seja-o, há de, porém, em breve, dormir na esteira da pobreza.

**Firmino** — Dormirei nela sono que muitos milionários não podem dormir em seus leitos dourados.

**Tomás** — Senhor Firmino, sou seu amigo: abandone essas teorias poéticas, chegue-se à razão prática: veja em primeiro lugar se pode casar sua pupila com seu filho, ou ao menos casar com seu enteado... O dinheiro ficará em casa...

**Firmino** — E o meu crédito atirado ao meio da rua...

**Tomás** — Ao contrário, muito mais fortalecido pela presunção de maior base de capital: esta é que é a realidade; mas se escrupuliza, negocie o casamento da pupila rica em transação secreta, e peça a Deus que lhe dê mais duas ou três tutorias, como essa, para arranjo da vida.

**Firmino** — Eu penso de modo inteiramente diverso: Não posso aceitar a sua proposta, e peço-lhe que não insista neste assunto.

**Tomás** — Quando proponho, não ofendo, e também a negativa não me ofende: tomo tudo isto debaixo do ponto de vista mercantil: não faz conta, paciência: amigos como d'antes?

**Firmino** — Certamente.

**Tomás** — Cada vez o respeito e o lamento mais: o senhor é um homem do outro tempo... Há de ser vítima da sua escrupulosa e exagerada probidade...

**Firmino** — Por quem é... Não me confunda...

**Tomás** — (levantando-se e tomando o choque) Sou eu que saio confundido...

**Firmino** — Saíamos juntos.

**Tomás** — A companhia me exalta: reconheço-me por demônio ao lado de um santo.

**Firmino** — Quer dizer de um tolo...

**Tomás** — Ou isso... Salvo o respeito devido.

**Firmino** — Vamos, senhor Tomás Pereira. (vão-se)

## CENA VI

### Teodora e Carlos

**Teodora** — Saíram enfim.

**Carlos** — Eu também vou sair... São quase onze horas...

**Teodora** — Carlos, eu esperava que teu padrasto nos deixasse em liberdade para te ocupar de questão muito séria.

**Carlos** — Mas hoje não posso perder a sessão do Senado: o ministério vai receber sova magistral... Faz gosto ouvir os oradores da oposição...

**Teodora** — Se não fosse o Senado, inventarias outro motivo para ausentar-te...

**Carlos** — Com efeito... À tarde tenho sessão magna da Sociedade Filopoética.

**Teodora** — É sempre assim! Eu te peço dez minutos ao menos...

**Carlos** — (abrindo o relógio) Dez minutos hoje, e amanhã o dia todo para minha mãe.

**Teodora** — Meu filho, tu me confessaste que amavas Corina, e eu abençoei esse amor da beleza e da virtude...

**Carlos** — Sim, minha mãe, eu amo Corina; mas infelizmente ela me parece um anjo amigalhado...

**Teodora** — Se a esqueces tanto! Aposto que ainda não lhe confessaste o amor que lhe tributas...

**Carlos** — Ah! Os meus olhos devem ter-lhe dito tanto!... E além dos meus olhos, já dez vezes tenho tentado declarar-lhe a minha paixão, mas...

**Teodora** — Acaba...

**Carlos** — Júlia me ridiculariza, e Corina põe-se a rir.

**Teodora** — Não deves falar-lhe de amor em presença de Júlia.

**Carlos** — Se uma nunca deixa a outra! Júlia é intolerável, minha mãe.

**Teodora** — Eu ralharei com ela; tu, porém, sê mais freqüente junto de Corina: tens boa voz... Canta a miúdo com ela... Mostra-te mais ocupado da sua pessoa...

**Carlos** — Ontem à noite escrevi-lhe um acróstico: ela há de lê-lo na Revista da Sociedade Filopoética.

**Teodora** — A poesia não basta... Em regra as senhoras confiam pouco nos poetas...

**Carlos** — Mas eu não compreendo amor sem poesia e sem flores: ontem fiz versos a Corina, hoje hei de trazer-lhe um buquê de violetas, e amanhã dar-lhe-ei a ler o romance *Paulo e Virgínia* anotado por mim.

**Teodora** — Versos, flores, romances, dá-lhe tudo isso, Carlos, exalta-lhe a imaginação, mas, sobretudo sê menos acanhado... Menos... Não sei como digo, menos contemplativo, e... Meramente respeitoso, ama-a como homem deste mundo... As senhoras... As donzelas precisam parecer forçadas a ouvir... A amar... A conceder inocentes favores...

**Carlos** — Corina é um anjo.

**Teodora** — Os anjos da terra têm sempre na sua natureza alguma coisa de material. Carlos, eu quero que Corina seja tua esposa...

**Carlos** — Se eu merecer o seu amor espontâneo... Flor do coração... Isento de cálculos de família... Livre... Sem rigor, nem opressão... Porque ela é rica... E eu não toleraria...

**Teodora** — Perfeitamente... Oh! Quem se lembra de riqueza! Eu só penso na formosura e na virtude de Corina!

**Carlos** — Oh, muito bem, minha mãe!... Um amor poético!...

**Teodora** — Todavia, receio muito pelo teu amor e pela felicidade de Corina, se não fores mais diligente, mais fervoroso...

**Carlos** — Por quê? Por quê?...

**Teodora** — Segredo inviolável, meu filho: teu padrasto resolveu casar Corina com Peregrino...

**Carlos** — O mercador de escravos? Eu desconfiava disso: Peregrino compra e vende seus irmãos em Deus: é indigno de Corina...

**Teodora** — E o teu amor pode salvar a vítima...



**Carlos** — Corina esposa de um escravagista!... Minha mãe — hoje mesmo... (ouve dar onze horas) Ah, em vez de dez minutos, um quarto de hora... Até logo...

**Teodora** — (detendo-o pelo braço) Escuta ainda...

**Carlos** — Não posso perder a sessão do Senado...

**Teodora** — Cinco minutos só...

**Carlos** — Já sei tudo! Há de ver como procederei...

**Teodora** — Ao menos vai buscar-me o acróstico que fizeste.

**Carlos** — (tirando um papel do bolso) Ei-lo aí... Mas não o mostre a Corina: quero que ela o leia com surpresa na Revista da Sociedade Filopoética. (vai sair e encontra-se *[sic]* com Estefânia)

## CENA VII

**Teodora, Carlos**, que logo se retira, **Estefânia**.

**Estefânia** — Ah! Carlos, quase que me deste um abraço...

**Teodora** — (indo a Estefânia) Estefânia!

**Carlos** — Desculpe: foi ardor parlamentar. (beija a mão de Estefânia) Sinto não poder demorar-me. É a hora da sessão do Senado: vou a correr. (vai-se)

**Estefânia** — Carlos é um querubim; mas voa com excessivo ardor.

**Teodora** — Agradeço-te a prontidão com que acudiste ao meu chamado. Senta-te. (Sentam-se)

**Estefânia** — Acho-te desassossegada...

**Teodora** — A minha luta com Firmino continua e se agrava.

**Estefânia** — No jogo da teima não há mulher que não ganhe a partida ao marido.

**Teodora** — Mas quando não é só o marido a vencer?... Até bem poucos dias, o que me preocupava era que essa teima de Firmino demorava o casamento de Carlos e que a demora podia aproveitar a algum astucioso e feliz pretendente de Corina.

**Estefânia** — Com efeito! Os especuladores são tantos!...

**Teodora** — Agora, porém, é o meu maldito enteado que me está ameaçando com as mais temíveis probabilidades da sua vitória...

**Estefânia** — Ora... Peregrino... Corina o trata com tanta indiferença...

**Teodora** — Tu és como minha irmã: a nossa amizade...

**Estefânia** — Começou no colégio... (olhando em torno) ninguém nos ouve: começou no Colégio há trinta e cinco anos.

**Teodora** — É por isso que me animo a dizer-te, pensando no meu pobre Carlos, o que aliás por lealdade também te diria, se teu sobrinho...

**Estefânia** — Não falemos em Fortunato: sabemos ambas que se ele um dia pôs-se a requestar dona Corina, soube esta desenganá-lo para sempre: além disso eu te comuniquei o projeto de casamento que formei desde muito para meu sobrinho.

**Teodora** — Eu me comprometi a auxiliar-te com todo o esforço nesse empenho. Creio até que tenho feito já alguma coisa.

**Estefânia** — Muito: e uma mão lava a outra: ocupemo-nos de Carlos.

**Teodora** — Vou confiar-te um segredo delicadíssimo e pedir-te um conselho.

**Estefânia** — O segredo ficará no coração; o conselho sairá da reflexão.

**Teodora** — Isto morre aqui: eu suspeitei... E enfim verifiquei que Peregrino... Abusando da casa de seu pai... Entretinha relações secretas... Criminosas com a mísera Corina...

**Estefânia** — Oh!... É horrível!... Estás bem certa do que dizes?...

**Teodora** — Infelizmente é verdade.

**Estefânia** — Que escândalo! Mas então é caso julgado... Pobre Carlos!

**Teodora** — Conforme...

**Estefânia** — Pois aí há conforme?... (cravando os olhos em Teodora.) Ah! Sim! Neste mundo tudo é conforme: eu também juraria que dona Corina detestava Peregrino e, todavia... Mas... Conforme o que?...

**Teodora** — Corina é ainda no seu erro tão inocente como tola, e por felicidade no colégio a tornaram fanática: há quatro dias que tive a certeza do seu opróbrio e não tardei em recorrer aos bons ofícios de minha religiosa tia, e a boa da velha reteirou o demônio com tanta eloquência que a triste menina malvadamente enganada, apenas agora compreende o que fez, e abomina Peregrino com sentimento de horror.

**Estefânia** — (sorrindo) É um pouco inverossímil: eu, no teu caso, desconfiava.

**Teodora** — A tia Suzana assegura o arrependimento de Corina, que parece ter sido vítima de sua rude ignorância a certos respeitos...

**Estefânia** — Mas o diabo não sai tão facilmente do corpo, em que conseguiu uma vez entrar.

**Teodora** — Julgas que estou sossegada? Eu passo as noites velando: temo da influência fatal adquirida por Peregrino... Tenho medo de que amanhã, ou em outro dia, Eva de novo atenda à serpente... Mas dada a hipótese do arrependimento sincero e essa ignorância do mal que se praticava...

**Estefânia** — Entendo... (sorrindo) dada a hipótese...

**Teodora** — Nestas circunstâncias devo ainda pensar em Corina para esposa de meu filho?... Tenho escrúpulos: aconselha-me.

**Estefânia** — Tanta inocência da alma obriga a esquecer em dona Corina o erro que foi só da ignorância: não refletas assim?...

**Teodora** — Confesso que penso desse modo. Sê franca: faço bem em insistir no casamento de Corina com o meu Carlos?...

**Estefânia** — Fazes... Fazes...

**Teodora** — Dizes isso em um tom...

**Estefânia** — De quem se admira da hesitação: dona Corina não é só moça bonita... É meio milhão. Teima.

**Teodora** — Tu me resolves; mas em tal caso preciso do teu concurso. Corina é muito amiga tua; quero que patrocines a causa de Carlos.

**Estefânia** — Como se ele fosse meu filho: hei de fazer prodígios. Verás.

**Teodora** — (apertando-lhe a mão) Minha Estefânia!...

**Estefânia** — Carlos ainda não conseguiu tocar o coração de dona Corina?...

**Teodora** — Tem perdido o seu tempo em êxtases poéticos: o inocente bate à porta daquele coração a compassos diversos.

**Estefânia** — Com uma menina de quinze anos os versos tem seu lugar.

**Teodora** — A propósito: aqui está um acróstico do nosso poeta.

**Estefânia** — Lê.

**Teodora** — (lendo) A voz do coração, voz que é gemido Mudo enleio que a fala tolhe e prende O terno olhar nos olhos teus perdido, Culto de fogo ao Sol que o fogo acende; O receio, a esperança, a queixa, o medo Rompendo d'alma que a teus pés se rende Inda trêmulos n'alma em segredo No poético ardil que amor socorre, Amor de quem por merecer se morre (voltando o papel e lendo). As iniciais dos versos dizem: = Amo Corina = na verdade é bonito! Não achas bonito?...

**Estefânia** — Melhor do que isso, declaração em regra.

**Teodora** — E os versos trazem a assinatura de Carlos: é positivo!... Que talento o de meu filho!...

**Estefânia** — Cantarei como sereia aos ouvidos de dona Corina.

**Teodora** — Minha amiga, minha irmã!

**Estefânia** — Agora volto para receber a minha modista que talvez me esteja esperando... (em pé)

**Teodora** — O que eu disse relativamente a Corina...

**Estefânia** — Sepultou-se aqui. (aponta para o coração)

**Teodora** — Confio em ti. (abraça-a) Sê mãe de Carlos.

**Estefânia** — Tenho medo de adorá-lo demais (beijam-se. Estefânia sai)

#### CENA VIII

##### **Teodora** e logo **Carlos**

**Teodora** — (acompanha Estefânia até a porta: volta; relê para si os versos, sorri, vai à mesa escolhe um álbum, gruda com goma arábica que haverá em um vidro competente, o papel dos versos em uma das folhas do álbum e desfolha uma rosa na mesma página)

**Carlos** — (Entrando) Não houve sessão no Senado por falta de quorum. (vendo Teodora junto da mesa) Que faz, minha mãe?... (começa o canto dentro)

**Teodora** — Silêncio! Júlia e Corina vão entrar.

**Júlia** — (cantando dentro e até o fim) Só Di

**Carlos** — (continua o canto) O meu acróstico!...

**Teodora** — Silêncio. (cai o pano durante o canto)

#### FIM DO PRIMEIRO ATO

#### SEGUNDO ATO

A mesma cena do primeiro ato

#### CENA I

##### **Júlia** e **Corina**

**Júlia** — (deixando a janela) Minha mãe está no jardim conversando com o seu poeta.

**Corina** — (Entrando) Vou buscar a tua boneca...

**Júlia** — Para que?...

**Corina** — Far-lhe-emos um vestido rico... Todo de gaze branco e rendas.

**Júlia** — Ora! Na nossa idade brincar com bonecas?...

**Corina** — Mas então o batizado...

**Júlia** — Não vês que foi pretexto para te dar um baile?...

**Corina** — Ah! A mim ou ao padrinho?

**Júlia** — Em todo caso ganhas...

**Corina** — Que faremos esta manhã?

**Júlia** — Tudo e nada: por exemplo, olhar-nos ao espelho. Vem cá... (defronte do espelho)

**Corina** — Para que isto?... (indo para o espelho)

**Júlia** — Somos ambas bem bonitas!

**Corina** — Me parece...

**Júlia** — Tipos diferentes; ambos, porém igualmente lindos.

**Corina** — Eu menos...

**Júlia** — Tu menos? Suponhamos! Como é então...

**Corina** — O que?

**Júlia** — (deixando o espelho) Vamos fazer um jogo?... (vai buscar um baralho de cartas, que devem ser muito friquos *[sic]*) Queres ver?... Tu és a dama de ouros, eu sou a que aparecer primeiro (corre as cartas) A de espadas. (baralha). Quem vence?...

**Corina** — Tu com as espadas...

**Júlia** — Sim? E tu com o ouro? Vejamos a quem saem os condes (vai deitando as cartas a uma e outra dama) Aí tens: saiu para ti o de paus... Também o de espadas. (larga as cartas) Não quero mais... Entendes isto?... (à frente da mesa)

**Corina** — Eu não: é acaso.

**Júlia** — Isto quer dizer que me é preciso que te cases... Solteira, tu me fazes perder no jogo dos condes.

**Corina** — Estás doida?

**Júlia** — Eu?... Escuta: desde alguns meses que sinto a verdade: o sobrinho de d. Estefânia fazia-me a corte, e de súbito mudou de rumo, e é a ti que rende finezas, quando a tia nos visita. Pouco me importa... Não deixou saudades...

**Corina** — Assim se denominava a carta que hoje chamamos Valete. E eu por ventura o animo?

**Júlia** — É outra questão: o moço que costuma passar a tarde em faetonte, esquecia os olhos em mim; mas depois ou fica vesgo, ou é só para ti que olha, quando por acaso te deixam ir à janela...

**Corina** — E se ele soubesse como o acho horrível!...

**Júlia** — É outra questão, já disse. Nos bailes, aos quais meu pai não te quer levar, é certo que os moços me cumprimentam; mas as tias, as mães e as irmãs armam-me tais laços para informar-se de ti, que evidentemente elas te prefeririam para os sobrinhos, para os filhos e os irmãos.

**Corina** — Ainda bem que o padrinho da boneca te ama.

**Júlia** — Veremos: já esperei mais. Também ele perguntou-me por ti. Desconfio da curiosidade.

**Corina** — Podes esperar tudo... Eu te juro.

**Júlia** — Não podes jurar o que não sabes. Uma experiência; vejamos: (vai buscar uma flor e tira as pétalas) Sim... Não, sim... Não... (até o fim) não! Estás vendo? Exijo que te cases.

**Corina** — Pequena carruagem descoberta de quatro rodas. Acabarás por aborrecer-me, Júlia!

**Júlia** — Eu? Se tu me fazes conhecer os homens!... Amo-te! Tu és o fogo em que provo a minha prata: se Teófilo for casquinha, boa viagem! (indo ao piano) Vamos ensaiar um dueto?

**Corina** — Com que fim? O senhor Firmino não consente que eu cante em sociedade.

**Júlia** — Mas se eu quiser...

**Corina** — Prefiro que não queiras.

**Júlia** — Tu te resignas demais: eu no teu lugar me revoltava, (abrindo o relógio) onze horas e três quartos... Que dia comprido!... (boceja) Ah! É verdade: a outra questão. Corina, tu tens o coração encouraçado?...

**Corina** — Que pergunta, Júlia!

**Júlia** — Ainda não amas? Porém é indispensável que ames... Digo-te que me é preciso que te cases... Perde esse coração uma vez, Corina! Ah, eu tenho perdido o meu tantas vezes!... (rindo-se) Ainda bem que ele foge e volta, vai e vem, como passarinho acostumado à gaiola! *Voz de mulher* (dentro) Uma esmola à pobre velha pelo amor de Deus!...

**Corina** — Ah! É a voz da minha pobre! (querendo ir)

CENA II

**Júlia, Corina, Teodora e Carlos**

**Teodora** — Menina, já lhe temos dito que não deve ir sozinha dar esmola à sua pobre: venha comigo...

**Corina** — Perdoe-me... Não tornarei a ir só... (vão-se as duas e voltam)

**Carlos** — Isto é contra o preceito do Evangelho: a esmola da caridade não deve ter testemunhas; o segredo é a santa poesia da esmola: também o segredo, o mistério é quase sempre poético; não acha?...

**Júlia** — Acho tudo quanto quiseres, menos somente uma coisa.

**Carlos** — O que?...

**Júlia** — O teu juízo, de que ninguém me dá notícias. (voltam as duas)

**Carlos** — Minha mãe, Júlia começa a provocar-me...

**Teodora** — É uma estouvada: eu te livro dela; vem comigo, Júlia; tenho que dizer-te (vai-se)

**Júlia** — (beliscando Corina) *Gare aux vers!*

CENA III

**Corina e Carlos**

**Carlos** — Ela nem sabe falar o francês, e quer fazer *calembour!*...

**Corina** — Não admira, aqui estou eu que ignoro até o português.

**Carlos** — Se eu não a conhecesse tão instruída, chegaria a suspeitá-lo; porque a senhora finge não entender...

**Corina** — O que?

**Carlos** — O meu penar cruel...

**Corina** — Então está doente?...

**Carlos** — Do coração, bela Corina.

**Corina** — Isso é grave: deve quanto antes consultar os médicos.

**Carlos** — Porque zomba de mim?... Que fez do buquê de violetas que lhe ofereci?

**Corina** — Pu-lo de molho por amor das violetas.

**Carlos** — Essas flores nada lhe disseram?

**Corina** — As flores?... Flores falando! Senhor Carlos...

**Carlos** — Isto desespera! Porque assim me trata? Tanta impiedade quando me rendo a seus pés?... Um desengano, é apenas sentença que infelicita; mas o escárnio é injúria bárbara. Uma vez ao menos falemos seriamente...

**Corina** — Se o assunto for sério...

**Carlos** — Não pode sê-lo mais: ouça e decida. A minha alma vai falar, e a minha vida concentrar-se nos meus lábios: o amor em que se abrasa o meu coração é puro, como o fogo dos seus olhos, amo-a como Petrarca amou a Laura, Lamartine a Graziella, Gonzaga, ou antes Dirceu à Marília! (Corina ri) Por quem é não ria-se... Tudo o que quiser, menos rir assim. Eu a adoro... Adoro-a nos meus sonhos... Adoro-a nas minhas tormentosas vigílias... De dia a minha alma é seu altar... De noite... (Corina põe-se a rir) podes fazer-me o favor de não rir?...

**Corina** — Mas é impossível conter-me! (rindo ainda)

**Carlos** — Oh! A senhora ri enquanto o meu coração se afoga em pranto envenenado! Nós devíamos ser como duas flores que o almo sopro de amor aproximasse; mas a estrela do céu não vê o verme da terra que a namora, como diz Victor Hugo! (Corina desatando a rir, leva o lenço à boca) Oh! O rir aqui é inteiramente fora de propósito!...

**Corina** — Mas o senhor tinha dito que ia falar seriamente...

**Carlos** — E que há de mais sério que este amor poético, arrebatador, vulcânico... (Corina ri) e a senhora a rir! Aí está uma coisa com que dou o cavaco! Desengane-me, se quiser, mas não ria-se... Não ria-se...

**Corina** — Senhor Carlos... Eu o estimo muito... Faço justiça aos seus sentimentos... Mas, tornando ao sério... (desata a rir)

**Carlos** — Basta de rir: dona Corina, além do terno interesse do meu amor, eu quero, posso e devo livrá-la do mais horrível naufrágio... Adorável, encantador.

**Corina** — Oh! Não se exponha por mim... Deixe-me naufragar.

**Carlos** — Peço-lhe a mão de esposa... O marido será um escravo, o meu amor será culto a divindade... Corina a minha Eva sem o pecado... Eu, o Adão, inocente, vivendo em êxtase de amor puro... (Corina desata a rir) ora... Assim não se pode... A senhora a rir... E a rir... E a rir... Em vez de rir diga de uma vez — sim ou não?...

**Corina** — Senhor Carlos... Eu... (desata a rir) perdoe-me... (rindo) eu... Sou assim... Rio-me de tudo... (rindo)

**Carlos** — É de matar! Há risos mais frios que o gelo, mas faça-me o favor de não continuar a rir, minha senhora!...

#### CENA IV

##### **Corina, Carlos, Teodora e Júlia**

**Teodora** — Conversaram?... O que?...

**Corina** — O senhor Carlos falava-me sobre flores e poesia.

**Teodora** — É incorrigível... Jurou viver respirando perfumes e amando os anjos... Mania de poeta... Mas parece que também revolveram músicas... (chegando-se à mesa) e junto das músicas o álbum Corina que também o examinaram... (toma o álbum e abre-o)

**Corina** — Nem sequer olhamos para ele...

**Teodora** — Oh! Folhas de rosas... Versos de Carlos... (fingindo ler)

**Corina** — Isto é novo para mim... (a Carlos) o sr. não podia escrever no meu álbum sem a minha permissão...

**Carlos** — Eu?... Minha mãe... Esse acróstico...

**Teodora** — Amo Corina!... Que quer dizer isto? Reprovo severamente o proceder de ambos: menina, eu me oponho a semelhante amor... Proíbo, condeno esta afeição!...

**Corina** — Juro que foi um abuso de seu filho!... (quase a chorar)

**Carlos** — Abuso!... E esta?... Minha mãe... Isto é demais...

**Teodora** — Silêncio, senhor! (à Corina). Ordeno-lhe que nem olhe para meu filho! Não quero que o ame... (a Carlos) Não quero que a ame... Ouviram?... Não quero...

**Carlos** — Preciso explicar-me... Não direi quem foi... Mas eu não fui...

**Teodora** — Basta! Venha comigo, senhor. (leva Carlos pela mão) Júlia, espera-me: vou tomar o chapéu.

#### CENA V

##### **Corina e Júlia**

**Corina** — Que indigno proceder: querem talvez comprometer-me! (a Júlia que está lendo os versos) Deixa-me rasgar essa folha do álbum...

**Júlia** — Por quê?... O pobre Carlos não merece tal castigo...

**Corina** — Mas o abuso... O desrespeito... A ousadia...

**Júlia** — Tens a certeza de que foi ele quem colou os versos no álbum?

**Corina** — Júlia!

**Júlia** — (indo à porta e voltando) Psiu! Aposto que isto é travessura de minha mãe... Ela se empenha em casar-te com Carlos: (olhando) eu já estou no segundo... Se quiseres conta comigo.

**Corina** — É para enlouquecer-me...

**Júlia** — É; porque também meu pai te destina para Peregrino.

**Corina** — Sei tudo isso, há muito!...

**Júlia** — Então não enlouqueces mais: (olhando), todavia as exigências vão ser mais fortes... Nota: minha mãe já te ordenou que não amasses a Carlos de propósito para te provocar a contrariá-la...

**Corina** — Oh, como é lamentável ser rica!

**Júlia** — Que tola!... Eu trocava a tua sorte pela minha...

**Corina** — Tu?... Oh, sabes tu o que é não ter mais na terra pai nem mãe?...

**Júlia** — (comovida) Corina!... Perdô-a... Eu não trocava, não... Mas tens ao menos em mim uma irmã... E doravante...

**Corina** — Chegam. (vai cortar a folha do álbum e dobrá-la)

**Júlia** — Como se rasga um coração em uma folha de papel! Coitado de Carlos!

#### CENA VI

**Corina, Júlia, Teodora, e depois Carlos e Silvia**

**Teodora** — Júlia, vamos: (a Corina) menina; voltaremos antes de duas horas... esqueçamos o que se passou a pouco...

**Corina** — Mas o sr. Carlos terá a bondade de guardar, se quiser, os seus versos... (entrega a folha do álbum)

**Carlos** — (recebendo) Eu quero restabelecer os fatos... Protesto que...

**Teodora** — Agora não; vamos sair: (a Corina) a tia Suzana já está prevenida para fazer companhia a senhora (com voz ressentida). Silvia! Irás dizer a tia Suzana que já saímos. (a Carlos) Vem... (toma-lhe o braço)

**Júlia** — Adeus, Corina, até logo (abraça-a e beija-a)

**Carlos** — Isto não fica assim... Eu explicarei os fatos, ainda que seja em outra poesia. (Vão-se os três: Silvia segue)

#### CENA VII

— **Corina**, em pé e meditando. — **Silvia** volta logo — **Peregrino** que com expressiva mímica e falando em segredo à porta, recomenda que demore o chamado de **Suzana**: **Silvia** ri e acode: **Peregrino** espera à porta.

**Silvia** — Vou chamar a sr.<sup>a</sup> d. Suzana..

**Corina** — (sem olhar) Você. (vai-se Silvia que olha e ri para Peregrino)

**Peregrino** — (depois de um momento) Ah! D. Corina...

**Corina** — (voltando-se) Senhor Peregrino...

**Peregrino** — Eu procurava meu pai...

**Corina** — Creio que não está em casa.

**Peregrino** — Perdoe se penetrei até aqui, estando a senhora só: minha madrasta saiu também com Júlia e Carlos..., porque não a levaram?...

**Corina** — Porque sou demais: não sei outra razão.

**Peregrino** — Pode haver outra: os tesouros mais preciosos guardam-se, escondem-se com avareza.

**Corina** — É, portanto uma desgraça ser tesouro precioso.

**Peregrino** — Deixa transpirar uma queixa bem fundada: o seu viver assim é triste, já o disse a meu pai; ele, porém julga um dever não expô-la às seduções e aos laços de infames exploradores da inocência e da confiança cega das donzelas ricas.

**Corina** — Reconheço a bondade e os cuidados do meu tutor; nem me lastimo... Distraio-me tanto neste meu enclausuramento... Nunca estou só... Tenho o piano, o estojo do desenho... A lã e a seda com que bordo. Sou tão feliz... (vai tocar)

**Peregrino** — Não: a influência desses vis exploradores é fatal, porque é um perigo para a moça rica, e desanima o amor leal e honesto que teme ser confundido com as fingidas e interesseiras afeições: não pensa como eu?...

**Corina** — Desculpe-me: ocupada com a música, fui incivil ao ponto de não ouvir o que me dizia. Não tocarei mais. (deixa o piano e vai sentar-se à mesa)

**Peregrino** — Eu maldizia àqueles que simulam amor, adorando só a riqueza, e maldigo pelo que sinto: maldigo porque me tenho condenado a fechar até hoje no coração o mais puro amor pelo receio de uma suspeita que ofenderia a delicadeza dos meus sentimentos.

**Corina** — Ah! Agora ouvi, mas ainda arriscando-me a parecer-lhe néscia... Confesso que não entendo. (desenha)

**Peregrino** — Quer que eu fale bem claro?... Eu amo e me contendo à força: a donzela que amo é rica e mil ambiciosos a desejam sem ao menos tê-la visto, a querem por esposa sem a conhecerem... E eu que a vejo todos os dias... Que aprecio o valor da sua virtude... Que me sinto cativo dos seus encantos... Ver que me julgo capaz de fazê-la feliz... Ainda não ousei, e, apenas agora, deixo escapar a primeira e incompleta confissão do amor mais ardente e santo!

**Corina** — Quem é que diz... Ora... O desenho é como o piano... Eu estava distraída... Não ouvi: perdoe-me.

**Peregrino** — D. Corina... Eu lho peço... Esqueça o piano e o desenho... Não me confunda com distrações que se me afiguram desprezos cruéis...

**Corina** — (levantando-se) Oh, não!... Eu não desprezo pessoa alguma, ainda menos o filho do meu tutor; mas em verdade não sei o que me dizia...

**Peregrino** — Agora, pois não toca, nem desenha: ouvir-me-á, eu a espero: estamos sós... O momento é oportuno... Receba a declaração sincera do segredo mais terno...

**Corina** — Espere: o senhor disse que o momento é oportuno, porque estamos sós; portanto se seu pai e sua madrasta estivessem presentes, não diria o que pretende...

**Peregrino** — Oh! É a confissão de um sentimento irresistível cheio de celeste fogo, que só à senhora devo revelar!

**Corina** — É pena; mas seu pai me proibiu confidências desta natureza: decididamente só na presença dele e de sua madrasta é que poderei ouvi-lo.

**Peregrino** — Ah! D. Corina!... Quer dizer que me autoriza...

**Corina** — Não... Autorizar não; eu não posso autorizar o que não compreendo... Toquei piano e desenei enquanto o sr. falava... E não entendi coisa alguma...

**Peregrino** — Mas depois não tocou, nem desenhou, e eu falei com tanta clareza, que somente não rasguei o véu do respeito.

**Corina** — Então é que eu sou tão tola que nem compreendo as coisas mais claras e simples...

**Peregrino** — Oh, pois que se finge ignorar, não deve negar-se a ouvir a explicação mais completa...



**Corina** — A sós, como estamos? Deus me livre: seu pai mo proibiu...

**Peregrino** — D. Corina!...

**Corina** — Ah! Sinto os passos da tia Suzana: na presença dela sim, o senhor pode explicar-me tudo...

**Peregrino** — Não... Agora não... Tenho pressa... Peço-lhe até por favor, que não refira a tia Suzana o que eu lhe dizia... (saindo)

**Corina** — Ainda que eu quisesse, não poderia fazê-lo: pode crer que não entendi nada. (seguindo-o dois passos. Vai a Peregrino.)

## CENA VIII

### Corina e Suzana

**Suzana** — Que foi que não entendeste, menina?

**Corina** — O que sou obrigada a ouvir e a entender todos os dias.

**Suzana** — Então finges e simulas; mas no fingimento há malícia: a candura é que é agradável ao Senhor. (senta-se)

**Corina** — Guardo a franqueza só para a confiança: vivo nesta casa há um ano e ainda não fui fingida com a tia Suzana.

**Suzana** — Creio-te Corina; mas na tua idade que é a das expansões!...

**Corina** — Expansões?... Tive-as, enquanto meu pai viveu; aos dez anos, porém pobre órfã, presa no colégio, o que logo me ensinaram, foi a desconfiar de todos: falavam-me de minha riqueza e de mil perigos que me cercaram: por ordem de meu tutor acompanhava-me sempre uma espionagem suspeitosa e ainda mais nociva por ser mais de ostentação do que de vigilante cuidado: fizeram-me adivinhar o mal e ter medo do mundo...

**Suzana** — Não exageras?...

**Corina** — Afetaram disputar-me o ar, a liberdade, os vôos de menina nas horas de recreio: menina, fui passarinho com as asas cortadas, vendo o espaço e sem poder voar, pareciam vigiar-me de dia e de noite com apreensões sinistras: tudo isso me aterrorizava, mas também me fazia crer que me achava defendida e livre de qualquer traição: todavia um dos meus professores teve tempo para tentar seduzir-me, e uma das alunas do colégio atormentar-me com o amor de um seu irmão que se propunha a raptar-me.

**Suzana** — Que horror!... Coitadinha...

**Corina** — Aos quatorze anos vim esperançosa para a casa do meu tutor, mas bem depressa tive de chorar pelo meu colégio! Aqui a prisão chega a ser cruel: a tia Suzana sabe como o sr. Firmino e sua esposa conspiram contra os direitos do meu coração, cada qual de seu lado, e no interesse material de seus filhos!

**Suzana** — Tens razão...

**Corina** — Não consentem que eu tenha uma amiga, nem que eu desça sozinha ao jardim, nem que saia uma vez de casa, ao menos para levarem-me à igreja: despediram a minha ama-de-leite que meu pai libertara com a condição de acompanhar-me até o meu casamento: enclausurada e suspeita, as criadas espiam-me, a minha escrivaninha é a miúdo revolvida [*sic*]: sofro injusta opressão... E sinto-me ameaçada pela prepotência e... Oh, tia Suzana... Chego a temer o crime...

**Suzana** — Pobre menina! Tem paciência, espera.

**Corina** — Sim, espero; mas sem mãe, sem pai, educada na desconfiança, no medo, nos sofrimentos e nas aflições, de cinco anos de orfandade, sou o que me fizeram ser, sou fingida, e espero, sim espero, escudando-me com o fingimento.

- Suzana** — Era mais nobre ser franca, mas deveras nunca fingiste para enganar-me.
- Corina** — Nunca, porque a tia Suzana desde o primeiro dia em que me falou, falou-me a linguagem que em pequenina eu ouvi da minha mãe.
- Suzana** — Obrigada... Podes confiar na velha Suzana...
- Corina** — Com o coração todo aberto e os seus olhos, como eu o abria aos olhos de minha mãe...
- Suzana** — Mas... Se nela guardasses um segredo...
- Corina** — Seria seu... E sem reservas. Até hoje a tia Suzana é o único seio leal e amigo que tem acolhido e consolado a triste órfã!...
- Suzana** — Órfã!... Órfã!... Não me chamarás em vão tua mãe!... Serás minha filha. (abraça-a) *Voz de mulher, dentro* Uma esmola à pobre velha pelo amor de Deus!
- Corina** — (estremece) Oh, é a minha pobre! Posso ir dar-lhe esmola?
- Suzana** — Vai... Vai... E abençoada sejas, porque estendes a mão da caridade ao pobre! (Corina vai-se pela porta do jardim: Suzana levanta-se e a segue, abençoando-a, risonha; mas recua da porta e vem sentar-se triste)
- Corina** — (voltando alegre) Já se foi.
- Suzana** — Os outros pobres esmolam à escada da frente, como é que esta vem até aqui, entrando pelo jardim?
- Corina** — Pedi e obtive que lhe permitissem isso: é a minha pobre.
- Suzana** — Ah, e tu trazes sempre dinheiro contigo? (silêncio e confusão de Corina). Tinhas dinheiro, Corina?
- Corina** — (abrindo os olhos) Não... Tia Suzana... Não tinha...
- Suzana** — Então!... O que deste à tua pobre?...
- Corina** — Eu não dei... Recebi... Tia Suzana... Recebi uma carta do homem que amo, e com quem espero casar. Ei-la aqui. (mostra)
- Suzana** — Um grave erro, menina! Tu mesma sentiste que procedeste mal, pois certamente correste, recebendo essa carta. Mas... Eu tinha um peso sobre o coração... Tiras-te-mo; por que não mentiste.
- Corina** — E eu lhe digo tudo: o dr. André de Araújo ama-me...
- Suzana** — Doutor André de Araújo?... Não conheço: onde viste esse doutor?...
- Corina** — Outrora na casa de meu pai: nossas famílias eram amigas. Dez anos mais velho que eu, André muitas vezes carregou-me em seus braços, e quando me achei mais crescida, ele me dava bonecas e flores... Foi no tempo em que eu era anjo... No tempo da felicidade e dos risos... Depois...
- Suzana** — Depois?...
- Corina** — Meu pai morreu: vi ainda uma vez André na hora terrível do saimento para o enterro... Ele chorava também, e chegando-se a mim, beijou-me a fronte... Sinto ainda esse beijo, e na minha face uma lágrima que lhe caiu!... Separamo-nos; há dois anos, porém, André levou para o meu colégio uma sobrinha, viu-me, reconheceu-me, saudou-me com ternura melancólica, e eu não pude saudá-lo, porque desatei a chorar, lembrando-me de meu pai: depois... Tornamos a ver-nos uma... Dez... Vinte vezes... E pouco a pouco... Ah, tia Suzana não sei como foi... Nós nos amamos.
- Suzana** — E por que não vem ele pedir-te em casamento?...
- Corina** — Há dois meses que o fez, e meu tutor o repeliu.
- Suzana** — Talvez não seja digno de ti.
- Corina** — André?... Eu ouvi o que diziam dele no meu colégio: é a virtude, a bondade e a ciência entesouradas em um homem a quem não seduz a minha fortuna, pois é mais rico do que eu, e desconhece a avareza por brilha *[sic]* pela caridade.
- Suzana** — Que entusiasmo! E que te diz ele em suas cartas?...

**Corina** — Pede-me que o ame e espere; e que respeite o meu tutor. Confesso: propus-lhe que apelasse para a autoridade e que me arrancasse deste meu cativeiro.

**Suzana** — E ele?

**Corina** — Condenou esse recurso que provoca o ruído público, mas assegurou-me que em caso extremo não hesitará...

**Suzana** — E que mais...

**Corina** — É tudo: confiar-lhe-ei todas as suas cartas. Quer ler esta que ainda não abri?...

**Suzana** — Quero antes de tudo que me prometas não receber outra.

**Corina** — Oh, e que será de mim?...

**Suzana** — Sairei em breve a informar-me sobre o doutor André. Se ele for honrado e virtuoso, como o acreditas, a velha Suzana tem uma missão a cumprir, protegerá o amor da órfã, o amor de sua filha em nome de Deus.

**Corina** — E meu tutor? E sua esposa?... E Peregrino e Carlos?...

**Suzana** — Falei-te em Deus: como podes temer os homens?... Se o teu amor é puro, os anjos o abençoam; se és vítima de opressão e se a violência te ameaça, levanta os olhos para o céu: tem fé!...

**Corina** — Esperança e fé, meu Deus!... (de joelhos)

**Suzana** — Reza! A oração é já em si uma graça, porque na oração falamos ao Senhor. Corina, reza à virgem mãe de Jesus que é a protetora e a mãe sagrada das órfãs...

**Corina** — (começando a rezar) Ave Maria!...

**Suzana** — Espera: tenho-te ouvido em suave canto a saudação sublime: reza cantando, mas cantando com fé! Se assim rezares com fé, as harmonias do teu canto serão asas de anjo a levar tua oração ao céu!...

**Corina** — Oh, sim! Fé! E com a minha fé, a esperança do meu amor! (senta-se à harmônica e canta) — Ave Maria. Suzana, em pé, ergue os braços. (Cai o pano)

## FIM DO SEGUNDO ATO

## TERCEIRO ATO

— Espaçosa [*sic*] sala interior: porta ao fundo, pela qual se apercebe mal outra sala onde se ouve música e se dança: ao lado direito, porta abrindo para um gabinete: portas laterais, brilhantismo de luz: sinais de festim.

## CENA I

**Peregrino** sentado; **Carlos** que entra.

**Peregrino** — Também te aborreceu o jogo de prendas?

**Carlos** — Se Júlia é intolerável!... Há meia hora que sem piedade me martiriza! Não pude mais sofrê-la!

**Peregrino** — Júlia é apenas uma menina leviana que brinca: hoje há aqui alguém que muito mais nos incomoda: eu sou franco; é o filho do barão... É Teófilo...

**Carlos** — Que queres dizer?

**Peregrino** — Veio, entrou-nos em casa com aparência de pretendente de Júlia, e evidentemente é de Corina que ele se ocupa... E ela o atende... E parece encantada...

**Carlos** — Seu proveito... Talvez não me tenha sido agradável essa observação que também já fiz... Talvez mesmo tenha isso concorrido para impacientar-me; porque eu amo Corina, ouviste?... Mas se ela ama Teófilo... Que seja feliz.

**Peregrino** — Eis aí: eu não amo Corina, e, todavia não sou tão tolerante. Teófilo me aflige muito.

**Carlos** — Mas... Se dizes que não amas...

**Peregrino** — Não é dizer que eu não queira casar com ela: o seu dote arranjaria muito a minha vida; confesso.

**Carlos** — Peregrino!

**Peregrino** — Não ralhes como ralhaste no caso do negócio de escravos: cada qual tem seus princípios. Eu quero Corina para esposa, mesmo sem amor e até muito contra sua vontade: apontar-me-ão nas ruas com reprovação... Dirão que sacrifiquei o coração ao ouro; mas sendo rico, serei poderoso, e a sociedade virá em breve lisonjear-me respeitosa.

**Carlos** — Essa teoria é infame!

**Peregrino** — Dá-lhe o nome que quiseres: faço-te justiça: tu, meu poeta, não quererias ser esposo não sendo amado; hesitarás, mesmo na hipótese de merecer amor, ante a suspeita de vil interesseiro, que em todo o caso despertarias no ânimo dos maliciosos.

**Carlos** — E levantaria ufano esta cabeça de homem honesto...

**Peregrino** — Cabeça de poeta... Pois bem, cada qual com os seus princípios... E daí quem sabe, se não és ainda mais ladino do que eu?... Desejo, aconselho-te que o sejas: se Corina não for minha esposa, estimarei que seja tua.

**Carlos** — Não quero que me imagines com os teus sentimentos: vai comprar e vender homens...

**Peregrino** — Olha... Acabou o jogo de prendas... Estão tomando sorvetes... Vamos arrefecer o sangue... (vai-se. Carlos passeia agitado)

## CENA II

### **Carlos e Teodora**

**Teodora** — Por que fugiste da sala? Não devias dar importância aos gracejos de tua irmã.

**Carlos** — Minha mãe, cumpre-me preveni-la de que vou sufocar o amor que sentia ou sinto por Corina.

**Teodora** — Temos ciúmes? Não sejas criança.

**Carlos** — Juro-lhe que só desposarei Corina, se partir dela manifesta e publicamente a proposição mais livre e positiva.

**Teodora** — Mas isso é contra todas as regras, seria até indecoroso.

**Carlos** — Ou eu farei a proposição franca e altamente com a condição de passar todo o seu dote para algum estabelecimento de caridade. (em fogo mal contido)

**Teodora** — Estás delirando... Agora não podemos conversar. Vai distrair-te e sossega. (vai-se Carlos)

## CENA III

**Teodora** que se retira, **Estefânia** e **Corina**, tomando sorvete.

**Estefânia** — Roubei por momentos Corina a seus admiradores.

**Teodora** — Fazes-me ter ciúmes desta menina que parece amar-te mais do que a mim: não me roube de todo o seu coração. (vai-se)

**Estefânia** — Vê como é hipócrita?... Toma-se, [sic] acautele-se dela! Não atraíçoe o segredo que lhe confiei... Diga pelo contrário, queixando-se de mim, que empenhei-me em induzi-la a desposar Carlos... Mas, eu lho peço, ouça ao menos por breves momentos a meu sobrinho... Prometa-me uma contradança para Fortunato.

**Corina** — Mas eu já prometi a outro a seguinte... E além disso...

**Estefânia** — Fortunato a ama... Livra-la-á do inferno em que vive... Creia que a senhora está exposta aos maiores perigos, e meu sobrinho que é o mais nobre cavalheiro, que a adora, e que daria a vida pelo seu amor...

**Corina** — Olhe, quanta gente chega.

#### CENA IV

**Carlos, Peregrino, Simão de Souza, Tomás Pereira, Teófilo, Firmino, Fortunato, Estefânia, Corina, Teodora, Júlia**, senhoras, cavalheiros conversação geral, movimento.

**Teófilo** — (com a boneca nos braços) A minha linda afilhadinha não pode dormir com semelhante ruído! Acabou de despertar chorando assustada... Onde melhor lhe poremos o berço? (embaça a boneca) Tempo perdido! Nos meus braços não dorme: (a Corina) minha senhora, por quem é, acalente esta menina.

**Corina** — Compete esse dever à madrinha.

**Teófilo** — A madrinha está carregando o berço... e que pesa!...

**Estefânia** — Que feliz [sic] boneca! (Corina recebe-a e acalenta-a)

**Júlia** (com o berço nos braços) — Qual! Uma pobre enjeitadinha, que não tem pai nem mãe!

**Simão** — Enjeitada! Pronto a declarar-me pai da menina. (riso)

**Teófilo** — Ah; senhor! Acaba de matar-nos a esperança de achar mãe para a criança!... (risadas)

**Simão** (a Pereira) — Eu não sei porque esta gente ri assim!...

**Teófilo** — E a menina dormiu ao doce calor dos seus braços: (a Corina) V. Ex<sup>a</sup>. há de por compaixão e caridade apresentá-la à pia... Mas onde depositaremos o berço?...

**Firmino** — Neste gabinete (abre a porta onde entram Júlia e Corina)

**Teófilo** — Minhas senhoras, deixemos a menina dormindo. (segue-as)

**Tomás** (a Firmino) — Que enchente de puerilidades; na comédia do mundo somente o dinheiro é coisa séria: e o senhor não quer crer!...

**Simão** (a Pereira) — Ainda não pude manifestar-me: não sei, como hei de conseguir que a moça olhe para mim...

**Pereira** (a Simão) — Convide-a para dançar. (Júlia e Corina voltam)

**Teófilo** (a Simão) — V. Ex<sup>a</sup>. terá a bondade de ser o padre que batize a criança... acho-o com jeito... Com a aparência de cônego...

**Simão** — Aceito *in limine*: (a Pereira) É um modo de me manifestar...

**Teodora** — Oh, nunca me trataste assim Firmino!

**Firmino** — E tu?... E tu?... Nossa casa era um paraíso... Mudaste de caráter por amor de teu filho..., a tentação da riqueza...

**Teodora** — Sim... É isso... A fome de dinheiro.

CENA VI

**Firmino, Teodora e Estefânia**

**Estefânia** — Que dois pombinhos! Festejam-se mais ternos do que moças que (começa a rir)

**Teodora** — Oh, que torpe sede de ouro!...

**Firmino** — Confessa: é por causa do teu Carlos que me vejo exposto ao mais triste desengano... Teófilo me roubará Corina!...

**Júlia** — Minha afilhada dorme: vamos dançar?...

**Teodora** — É o senhor com o seu Peregrino: para que se casou comigo, se só vive pelo filho da sua defunta?

**Firmino** — Faça-lhe igual pergunta: tem a bondade de me responder!... Creio, porém, que ali vai um teu rival. (vai-se)

**Simão** (tomando o braço de Pereira) — Aquele padrinho me parece muito estúpido! (Pereira sorri — vão-se)

CENA V

**Firmino e Teodora**

**Firmino** — Eis aí em que está dando o batizado da boneca!... Não me sujeitarei mais aos caprichos de Júlia.

**Teodora** — Júlia está bem castigada: sua esperança vai morrendo... Já morreu talvez... Teófilo voltou-se para Corina.

**Firmino** — Uma indignidade e um perigo a mais!

**Júlia** — Minha afilhada dorme: vamos dançar?...

**Teófilo** — Decreto de rainha: (a Corina) é a nossa contradança... (baixo) por procuração... (oferecendo-lhe a mão)

**Corina** — Com o maior prazer (toma-lhe a mão vão sair todos). *Fortunato* (a Estefânia dando-lhe o braço) Que devo esperar?...

**Estefânia** (a Fortunato) — Por ora nada; mas desesperar nunca. (Vão-se)

**Carlos** (a Per.) — A idolatria do ouro é esquálida, lá se rendem ternuras, dançando!

**Teodora** — Este nosso amor já é hábito, não merece elogio.

**Firmino** — É a felicidade pelo egoísmo... Só cuidamos de nós. Eu tenho, porém, meus momentos de abnegação: aí lhe deixo a sua amiga. (vai-se)

**Estefânia** — Tenho perdido toda a minha eloquência esta noite: Corina não quer ouvir falar de Carlos: é preciso ser severa e um pouco clara e inclemente com ela: fecha a porta de tua casa ao filho do barão...

**Teodora** — É a primeira vez que eles se encontram. Julgávamos Teófilo apaixonado de Júlia...

**Estefânia** — Vou ver como Teófilo e Corina se namoram. Estão tocando a indecência...

**Teodora** — Estefânia, que dizes?...

**Estefânia** — Eu falo-te assim só por amor de Carlos... Tolerar as loucuras desta noite é, sem dúvida, sacrifício obrigado ao decoro, e ao dever; mas desde amanhã ou só prepotente, austera, terrível, ou despede-te de Corina...

**Teodora** — Eu não devia ter saído da sala... Vamos.

**Estefânia** — Vamos... (indo) é, porém tarde... A contradança acabou.

**Teodora** — Não importa. (vão-se; tem acabado a música)

CENA VII

**Peregrino e Simão**

**Peregrino** — Que tem?... Que quer?...

**Simão** — Aquele padrinho que dança com ela quem é?...

**Peregrino** — É filho de um barão.

**Simão** — Assim não me diz nada, barão? Tenho uma dúzia de barões embrulhados na minha burra.

**Peregrino** — Chama-se Teófilo e é filho do barão do Lago Azul.

**Simão** — Do barão do Lago Azul!... Estou perdido. Vale muito mais do que eu... Podia ser marquês ou duque... Já não tenho ânimo de manifestar-me

**Peregrino** — Espere sempre... Eu sirvo para alguma coisa

**Simão** — Qual! Se eu fosse mulher casava-me logo com o filho do barão do Lago Azul... Vou-me embora...

**Peregrino** — Não... Não... Dance primeiro com a bela Corina, e ainda que ela se mostre indiferente e fria, tenha esperança... Eu sustentarei a sua causa...

**Simão** — Não posso mais apresentar-me candidato... Aquela firma é melhor que a minha...

**Peregrino** — Que homem desanimado!... Demore-se e mostre-se amável: olhe... Isto é segredo de família... Teófilo tem outras intenções... Creio que minha irmã...

**Simão** — Hein?... Que está dizendo?... Eu, porém, o vejo muito mais ocupado a conversar com a outra...

**Peregrino** — Disfarce de namorada...

**Simão** — O senhor dá-me alma nova... Então tratarei de manifestar-me... Mas não me engane...

**Peregrino** — Voltemos à sala... Estão servindo o chá. (vão-se)

CENA VIII

**Júlia e Corina**

**Corina** — Não tens razão... Acredita-me

**Júlia** — Se tenho! É casquinha como os outros.

**Corina** — É prata de lei.

**Júlia** — Por isso estás perdida por ele.

**Corina** — Teófilo adora-te...

**Júlia** — Sim; já mo repetiu dez vezes e continua a dizê-lo; mas sem nunca te haver conhecido teve que dizer-te tanta coisa em voz baixa... Ocupa-se tanto de ti...

**Corina** — É verdade...

**Júlia** — E tu pareces tão contente, tão feliz...

**Corina** — É verdade...

**Júlia** — Ah! Confessas?... E então?...

**Corina** — Confesso o que acabas de dizer; juro, porém, que é a ti que ele ama.

**Júlia** — E tu?...

**Corina** — Confia em mim.

**Júlia** — Desta vez ficou-me um espinho no coração... Corina! Sabias que eu amava Teófilo...

**Corina** — E bendigo do teu amor... Oh! Júlia tu nem pensas como eu amo o teu amor.

**Júlia** — Que fogo!... Mas ou eu não te posso entender ou tu és a sonsa mais refinada...

**Corina** — Aceito o dilema.

**Júlia** — Então... Há um jogo...

**Corina** — Convenho.

**Júlia** — E esse jogo... Esse jogo... Corina, tu contas ganhar?...

**Corina** — Se tu ganhares...

**Júlia** — Tu esperavas Teófilo?...

**Corina** — Esperava-o

**Júlia** — Corina!...

**Corina** — Não pude ver-te sofrer e julgar mal de mim... Deixei transpirar já metade do meu segredo: basta...

**Júlia** — Ah, sonsa!... Tu amas... Tu amas... Ele o sabe?...

**Corina** — Atraiçoa-me agora, se quiseres...

**Júlia** — O que eu quero é entrar no jogo... Já devias ter falado... Como é a história toda?

**Corina** — Agora... Aqui é impossível... Depois eu te direi tudo.

**Júlia** — Mas se eu quero entrar no jogo!... Hei de perguntar a Teófilo... (sinal de contradança)

**Corina** — Júlia!

**Júlia** — Não dizes que é a mim que ele ama?

**Corina** — Pergunta-lho: o teu amor é a minha fiança.

#### CENA IX

**Júlia, Corina, Teófilo** e logo **Simão, Firmino** aparece e desaparece, observando.

**Teófilo** — Por ordem da música e da ambição de glória perturbo a conferência angélica. (a Júlia) Vim lembrar a V. Ex<sup>a</sup>. a minha contradança... (oferecendo-lhe a mão)

**Júlia** — Posso perguntar, Corina?...

**Corina** — Podes.

**Teófilo** — Oh! E eu serei tão feliz que possa responder?...

**Corina** — Pode.

**Júlia** — Ainda bem! Vou entrar no jogo. (os três vão sair)

**Simão** — V. Ex<sup>a</sup>. não pretende, creio eu, dançar com duas senhoras...

**Teófilo** — Pretendo, sim senhor...

**Simão** — Esta é nova! E como?

**Teófilo** — Dançando agora com uma e logo com a outra.

**Simão** — Ah! Isso é claro... Mas eu estava meio só...

**Corina** — O senhor me havia pedido esta contradança... Com todo o prazer... (toma o braço a Simão)

**Teófilo** — De *vis-à-vis* conosco... Sim?...

**Simão** — Não faço questão de *vis-à-vis*... (de mau modo)

**Teófilo** — Admirável! De *vis-à-vis* toda a noite! (vão-se)

#### CENA X

**Firmino e Peregrino**

**Peregrino** (moitando) — Vê, meu pai?...

**Firmino** — Agora ao menos é Júlia o seu par!...

**Peregrino** — Corina não podia sê-lo sempre.

**Firmino** — Mas Júlia estava contrariada e agora vai radiante.



**Peregrino** — Também desconfio de Júlia. Diz-se da pessoa colocada defronte de outra num bailado, quadrilha ou outra dança do tipo.

**Firmino** — Ela ama Teófilo, não é admissível que conspire contra o seu amor.

**Peregrino** — Mas os dois namorados acharam meio de iludi-la, e de abusar da sua credulidade.

**Firmino** — Nesse caso deves lamentar tua irmã, e não desconfiar dela...

**Peregrino** — É que Júlia deixa-se enganar com simplicidade pueril!... Meu pai me desculpe... É natural que eu esteja desensofrido...

**Firmino** — Tens razão: tudo nos contraria: até havia de acontecer que teu padrinho adocesse hoje, para que a filha não pudesse vir!...

**Peregrino** — Mas que lembrança infeliz a de Júlia com a sua maldita boneca!...

**Firmino** — Pensas que não me tenho arrependido desta malfadada reunião?... Mas que hei de fazer agora?... É indispensável mostrar o rosto alegre...

**Peregrino** — Sem dúvida: hoje é sofrer com paciência; mas desde amanhã, meu pai...

**Firmino** — O que?

**Peregrino** — Sempre sou transparente aos olhos de meu pai: Corina é o meu brilhante futuro pela sua riqueza; mais do que isso, é a regeneração da fortuna paterna pela dedicação e pela diligência do filho enriquecido.

**Firmino** — Sei tudo isso, mas só me lembro de ti.

**Peregrino** — Tão importante fim deve ser atingido por todos os meios e sem hesitação nem demora.

**Firmino** — Portanto... (soa sempre a música)

**Peregrino** — Meu pai, Corina é simplesmente uma boneca rica.

**Firmino** — E assim...

**Peregrino** — Uma boneca não tem vontade, nem ação própria.

**Firmino** — Compreendo; tenho, porém, fora de casa, o juiz dos órfãos a quem aliás é fácil enganar, e enfim confundir impunemente com um casamento consumado, e dentro de casa, o que é pior, minha mulher contra nós, minha mulher que me transtorna todos os esforços e todos os planos.

**Peregrino** — Por isso mesmo... Exatamente por isso mesmo.

**Firmino** — Explica-te... Fala claro...

**Peregrino** — O que me parece: que meu pai deve ajudar-me a fazer para que a boneca rica me pertença a despeito do juiz dos órfãos e de minha madrasta!...

**Firmino** — Sim... Sim...

**Peregrino** — Como me é preciso proceder para possuir a boneca rica?...

**Firmino** — Estás hoje insuportável! Dize de uma vez.

**Peregrino** — Meu pai há de vê-lo hoje mesmo e dentro em poucos minutos em um apólogo vivo.

**Firmino** — Mas que é?... (cessa a música)

**Peregrino** — A noite é de contrariedade e de paciência forçada; espere. Meu pai me perdoe; eu lhe peço o favor de ir observar se os seus convidados já se preparam e se o ordenam para a cena burlesca do batizado da boneca de Júlia; creio que é a hora aprazada...

**Firmino** — Sim... É meia-noite... O tal batismo tem de preceder à ceia.

**Peregrino** — Meu pai, por quem é... Vá ver...

**Firmino** — Que aborrecíveis mistérios!... (vai-se)

CENA XI

**Peregrino** e logo **Firmino**

**Peregrino** — (olha em torno... E apressado entra no gabinete)

**Firmino** (voltando) — Já vem todos... Peregrino! Peregrino! (Sai Peregrino do gabinete) Que fazias aí?

**Peregrino** — Preparava o apólogo... O apólogo que é lição.

**Firmino** — Ei-los que chegam...

CENA XII

**Peregrino, Firmino, Carlos, Simão, Tomás, Teófilo, Fortunato, Estefânia, Teodora, Júlia, Corina, senhoras, cavalheiros.** *Teófilo traz uma salva contendo rosas desfolhadas, Corina imensa toalha de renda, Júlia um manto de renda (ilegível) próprio de senhora.*

**Teófilo** — Eu entrego a pia ao sacristão...

**Estefânia** — Quem é o sacristão?

**Teófilo** — O mais moço e o mais bonito do sexo masculino: (à Simão) não se adiante que não é o senhor... (à Carlos) É o senhor Carlos.

**Simão** (a Peregrino) — Que homem impertinente! Eu não me adiantei... Ele é que parece querer divertir-se comigo!

**Carlos** (recebendo a salva) — Obedeço: fico sendo sacristão de bonecas.

**Teófilo** — Agora o padre à frente: senhor Simão, tenha a bondade de chegar-se...

**Simão** (a Pereira) — Isto cheira-me a zombaria... Que diz?... *Pereira* (à Simão) Carlos prestou-se logo... Não se faça rogado...

**Simão** — Com efeito... Em todo caso a preferência me distingue... E eu me manifesto (chega a frente).

**Teófilo** — Eu o paramento... Permita. (toma de Júlia o manto e o põe nos ombros de Simão) Agora o barrete de cônego: (põe-lhe na cabeça o chapéu roxo de Estefânia) Perfeitamente!... A madrinha a meu lado: estamos prontos. (a Cor.) Tenha V. Ex<sup>a</sup>. a bondade de ir buscar e de apresentar a menina, como se chama ela?...

**Corina** — A madrinha é que o sabe (entra no gabinete).

**Júlia** — Esperança...

**Teófilo** — O cônego tem de fazer um discurso, e o sacristão de improvisar um soneto...

**Carlos** — Improvisarei um soneto...

**Simão** — Discurso eu não faço... Protesto...

**Corina** (da porta do gabinete) — A boneca não está no berço!...

**Júlia** — A minha boneca!... (corre para o gabinete)

**Teodora** — Como é isto?... Desapareceu a boneca?...

**Carlos** — O caso seria romanesco!

**Júlia** (saindo aflita) — Furtaram a minha boneca!

**Corina** (saindo) — Sem dúvida que a furtaram... Não está lá!...

**Vozes** — Oh! Oh!... (movimento)

**Teodora** — É incrível!...

**Teófilo** — Quem ousou roubar a Esperança? Em nome da beleza e da aflição da madrinha, restituam a menina!...

**Estefânia** — Ficamos então sem o batizado?...

**Júlia** — A minha boneca!... Que mau brinquedo!...

**Teófilo** — (tomando a salva de Carlos) Em falta da menina receba a madrinha o batismo de flores. (senta as flores sobre Júlia)

**Júlia** — A minha boneca!... (recebendo a chuva de flores)

**Teófilo** — Vamos procurá-la por toda parte: eu piano! A madrinha cantará... A menina roubada há de por força acudir nos milagres da harmonia e da voz mais terna!...

**Júlia** — Não poderei cantar!...

**Teófilo** — Nesse caso faremos corpo de delito e iniciaremos um processo criminal... Demito de cônego ao sr. Simão e o nomeio delegado de polícia... Vamos fazer vingar o império da lei..., vamos... d. Júlia por amor da Esperança... Vamos!... (vão-se todos, menos Firmino e Peregrino).

**Firmino** (ao fundo depois de todos se retirarem) — Peregrino, como foi isto?...

**Peregrino** — (tirando a boneca do bolso e mostrando-a) É o apólogo, meu pai; por meio de um rapto apoderei-me da boneca rica... (com intenção) que ficou no meu bolso.

**Firmino** — Oh!... O rapto!!!

FIM DO TERCEIRO ATO

QUARTO ATO

Sala da recepção; portas laterais; porta de entrada no fundo; janela.

CENA I

**Firmino, Teodora, Carlos, Júlia; Corina** bordando.

**Firmino** (a Teodora) — A hora se aproxima: não achas conveniente mandar Corina para dentro? (na frente com Teodora)

**Teodora** — (a Firmino) Não... Não... Eu sou mãe e não me engano: é Júlia que ele ama... E a carta e a visita solene...

**Firmino** — (a Teodora) Se vier pedir-me Corina, eu lha negarei, mas seria imprudência que ela estivesse presente... Se for Júlia, que importa a ausência da outra?...

**Teodora** (a Firmino) — Ele repararia na ausência... Mostrou interessar-se muito por Corina... Pelo menos não é delicado escondê-la... Deixe-mo-lo vir.

**Carlos** (a Corina) — Há nesse rosto que está bordando aparências de retrato... Creio que conheço um nariz com esse...

**Júlia** (a Carlos) — E que tens tu com o nariz do bordado de Corina? Ela tem tanto direito de copiar teu conhecido, como tu de furtar pensamentos e versos de poetas que lês.

**Carlos** — Isso é aleive revoltante: na Sociedade Filopoética tenho reputação de original. (Firmino e Teodora conversam)

**Júlia** — Mas a tua originalidade é só em composições que não tem senso comum.

**Carlos** — Segue-se que as minhas composições poéticas se parecem muito contigo.

**Teodora** — Já vocês estão a brigar! Carlos, Júlia é uma senhora.

**Júlia** — Mamãe, é preciso que Carlos não publique mais poesia alguma que não tenha passado pela minha censura; ele se desacredita por plagiário...

**Carlos** — Ouve-a?... É uma injúria...

**Teodora** — Não vêes que ela se diverte contigo?... (a Firmino) Estás enganado...

**Firmino** (a Teodora) — Verás... É Corina que ele vem pedir-nos em casamento.

**Teodora** (a Firmino) — Terás sempre tempo de mandá-la sair; agora nem temos o recurso ou o pretexto da companhia de nossa velha. É verdade... (voltando-se) sabem onde foi minha tia, que tanto se demora?...

**Corina** — Eu não sei.

**Firmino** — Aposto que subiu ao castelo, se está confessando com algum frade barbadinho.

**Teodora** — Talvez: com o júbilo do concílio de Roma triplicou de devoção e de penitência.

**Júlia** — E tu já te confessaste, Carlos? Precisas fazê-lo...

**Carlos** — Não tenho contas a dar-te, e nem estou para graças: (tomando o chapéu — à Teodora e Firmino) Eu saio... com licença: vou à sessão do Senado...

**Teodora** — É melhor; vai.

**Júlia** — Quem perde com a tua ausência, sou eu, ingrato! (vai-se Carlos)

## CENA II

**Firmino** — e **Teodora**, na frente; **Júlia** e **Corina** sentadas bordando; **Firmino** e **Teodora** conversam.

**Corina** — (a Júlia) Estão a fazer castelos à espera da visita.

**Júlia** — (à Corina) Sem Carlos ao pé de mim não posso dissimular... Estou tremendo...

**Corina** — (a Júlia) Cala a boca.

**Júlia** — (a Corina) Se meus pais adivinhassem tudo...

**Corina** — (a Júlia) Pelo amor de Deus!...

**Firmino** — (a Teodora, abrindo o relógio) Chega a hora... Corina não devia estar aqui...

**Teodora** — (a Firmino) Não é natural separá-la de nós: esquece Corina, e lembra-te de nosso filho.

**Júlia** — (a Corina) Vamos sair da sala?... Eu sinto frio e fogo... Nem sei que sinto... Vamos sair...

**Corina** — (a Júlia) Não... Domina-te... Finge-te alheia a tudo.

**Júlia** — (a Corina) Como estou nervosa!... É um tremor...

**Firmino** — Nervosa?... Que é... Com efeito... (tomando-lhe a mão) trêmula e fria como o gelo. Júlia! Estás incomodada?...

**Júlia** — Não sei papai... Foi de repente... Sem causa...

**Firmino** — Oh! Teodora! Ela não está boa...

**Teodora** — (trazendo Firmino à frente) Não há de ser nada... (a Firmino) Que simplicidade a tua! Não vês que Júlia espera por Teófilo!...

**Firmino** — (a Teodora) Como os filhos nos enganam!... (voltando-se) Parou um carro à porta... (indo à porta)

**Júlia** — (estremecendo e querendo levantar-se) Eu fujo...

**Corina** — (a Júlia) Da felicidade, Júlia?...

## CENA III

**Firmino**; **Teodora**; **Júlia**; **Corina** (criado que logo sai) e **Teófilo**.

**Criado** — O senhor Teófilo de Carvalho. (vai-se)

**Teófilo** — Minha senhora... Minhas senhoras... Senhor Firmino...

**Firmino** — Como passou V. Ex<sup>a</sup>.?... Tenha a bondade de sentar-se.

**Teófilo** (sentando-se) — Profundamente penhorado me confesso pela extrema delicadeza com que V. Ex<sup>as</sup> se dignaram em receber tão prontamente a minha visita...

**Teodora** — De nossa parte havia mais do que dever, gratidão e glória...

**Firmino** — Estas meninas iam recolher-se, quando V. Ex<sup>a</sup>. chegou. A retirada de ambas nos deixaria em plena liberdade sem inconveniente algum, se V. Ex<sup>a</sup>. não ordenar o contrário...

**Teófilo** — Eu vim somente para ouvir e obedecer; mas com franqueza, o assunto de que me devo ocupar diz respeito a uma das duas senhoras, e nem por isso é exigente a ausência da outra.

**Firmino** — Senhor Teófilo ordena-lhes que fiquem...

**Teófilo** — Senhor Firmino, minha senhora, tenho a honra de vir pedir a V. Ex<sup>as</sup> a sr<sup>a</sup> d. Júlia em casamento.

**Firmino** — Júlia?... Oh!...

**Teodora** — A proposição de V. Ex<sup>a</sup>. nos exalta muito e estou certa que Júlia sente e pensa como seus pais.

**Firmino** — Sem a menor dúvida... Júlia, responde...

**Teófilo** — (a Júlia) Minha senhora...

**Teófilo** — Fala, menina...

**Júlia** — Senhor... Meus pais responderam por mim. (trêmula)

**Teófilo** — Oh!... É mais do que mereço! (beija a mão de Júlia)

**Firmino** — Este dia é o mais feliz da minha vida! Devo crer que o senhor barão do Lago Azul...

**Teófilo** — Autorizou, aprovou e abençoa a escolha do meu coração.

**Teodora** — Minha Júlia (abraça-a)

**Firmino** — Perdoe-me... Mas a felicidade tem suas ânsias: nós nos entregamos ao seu arbítrio... Júlia será sua esposa, é já sua noiva; mas a mim que sou pai, é lícito perguntar, quando deseja que se realize o seu casamento...

**Teófilo** — Por mim eu o quisera amanhã: e quase adia a própria data; tenho, porém uma dependência que me pode prender até um ano.

**Teodora** — Um ano!...

**Teófilo** — Imprudente compromisso de estudante; eu e um íntimo amigo, com quem fraternizo desde o colégio, ajustamos que se fosse possível, nos casaríamos à mesma hora e na mesma igreja, e que para isso aquele que primeiro contratasse casamento, preveniria o outro, correndo-lhe o dever de esperar um ano para a execução do compromisso.

**Firmino** — Mas esse amigo... Já talvez tenha também encontrado.

**Teófilo** — Amou antes de mim; a noiva de sua escolha foi-lhe, porém negada.

**Firmino** — Ah, mas nesse caso...

**Teófilo** — Ele não desanimou ainda, e confia no seu amor...

**Teodora** — É da corte o seu amigo?

**Teófilo** — É; a sua amada não sei; respeitei o segredo que ele não me revelou espontaneamente: o meu amigo V. Exas sem dúvida conhecem, é o dr. André de Araújo...

**Firmino** — Oh!... (emoção de Corina)

**Teodora** — Senhor Teófilo... o segredo do seu amigo...

**Firmino** — Sobre este assunto hei de explicar-me com V. Ex<sup>a</sup>. em particular... E o dr. André de Araújo...

**Teófilo** — Perdão: não tenho amigo a quem preze tanto, como ao dr. André; mas o seu projeto de casamento apenas influi sobre o meu, podendo obrigar-me a esperar até um

ano, conforme o nosso desastrado ajuste. Quanto ao mais sei que André foi reservado comigo e basta isso para que eu me ocupe exclusivamente da minha felicidade.

**Firmino** — Aplaudo o seu ótimo juízo; por amor de Júlia, porém, se o dr. André não pode obter a mão da noiva que desejava, a influência de sua amizade conseguirá levá-lo a fazer em breves meses, outra e mais oportuna escolha. (movimento de Corina)

**Teófilo** — Outra vez perdão: se nem procuro conhecer-lhe o amor, também não me é lícito combatê-lo. Vou esperar um século, se d. Júlia quiser esperar-me um ano.

**Júlia** — E deve ser assim...

**Teófilo** — A glória que mereci, me embriaga... (levantando-se) O coração pede-me expansões, e almeja mandar longe as suas alegrias.

**Teodora** — Pois quer deixar-nos já?...

**Teófilo** — Tenho pressa de felicitar meu pai pela encantadora filha que lhe vou dar. Despacharei hoje mesmo um próprio. Se me for permitido voltarei freqüentemente...

**Firmino** — Todos os dias...

**Teodora** — Não vai ser nosso filho?... Olhe-nos já como sua família.

**Teófilo** — E preso para sempre por duas cadeias de flores, a do amor... E a da gratidão. Minha senhora... (Teodora o abraça) d. Júlia... (beija-lhe a mão) minha senhora... (aperta a mão de Corina) senhor Firmino!...

**Firmino** — Um abraço bem apertado! (abraçam-se, vai-se Teófilo; Firmino e Teodora o acompanham)

#### CENA IV

**Júlia, Corina: Firmino e Teodora** que voltam.

**Corina** — É ou não prata de lei?

**Júlia** — Prata de lei? É brilhante sem jaça.

**Teodora** — (abraçando Júlia) Minha filha, Deus ouviu os votos de tua mãe!...

**Firmino** — E eu? E eu?... Júlia, não tenho um abraço?... (abraça)

**Teodora** — É pena somente que não se case já... É pena!...

**Firmino** — E por causa de um libertino... De um homem que se diverte a enganar pobres moças com esperanças de casamento que nunca se realiza!...

**Teodora** — Conheces de perto esse doutor André?

**Firmino** — De perto não o quero ver... Mas de longe conheço-o pelos desatinos e costumes desenvoltos...

**Teodora** — Ah! Então é amizade bem ruim para Teófilo. (tomando-o à parte) Estás se excedendo... Toma cuidado...

**Firmino** (a Teodora) — Este embaraço é terrível... Devemos casar Corina antes de oito dias... (conversam com viveza)

**Corina** (a Júlia) — Que injustiça... Que crueldade...

**Júlia** (a Corina) — Queres ver como faço a minha entrada no jogo?...

**Corina** (a Júlia) — Júlia!... Sê discreta.

**Júlia** (suspirando) — Ai!... Ai!...

**Firmino** — Júlia... Gemeste?...

**Júlia** (chegando-se) — Papai... Eu confesso que não posso esperar um ano.

**Firmino** — Com esta contava eu! Menina, isso não é bonito.

**Júlia** — É melhor papai entender-se com o sr. Teófilo e com esse doutor André...

**Firmino** — Não sabes o que dizes..., tens a cabeça perdida.

**Júlia** — Ora... Papai talvez conheça a família da moça com quem o doutor quer casar, e interessando-se por este resolveria tudo em meu favor...

**Firmino** — É claro que estou metido em uma roda viva...

**Teodora** — Júlia é necessário mostrar juízo...

**Júlia** — Mamãe, esperar um ano eu não posso. Declaro que não hei de esperar um ano!!! (com viveza).

#### CENA V

**Firmino, Teodora, Júlia, Corina, e Suzana** muito fatigada.

**Carlos** — Não houve sessão no Senado por falta de quorum; mas em compensação encontrei a tia Suzana ao chegar em casa.

**Júlia** (correndo) — Tia Suzana!... Não sabe?...

**Teodora** — Menina!... Menina!...

**Firmino** — A senhora nos estava dando cuidado...

**Suzana** — Deixem-me descansar... (senta-se, toda (ilegível)) andei muito! Nem em moça... Quando... Na quinta-feira de endoenças saía a visitar as igrejas...

**Teodora** — E onde foi, minha tia?...

**Suzana** — Deixem-me descansar. (respira descansando)

**Júlia** (a Corina) — Esquece esse bordado, Corina.

**Carlos** — Pois ainda trabalha?

**Corina** — Esquecê-lo? O bordado me faz não sentir as horas que passam: o que mais gosto de esquecer... É o tempo.

**Júlia** — Tens razão: o tempo custa muito a passar! E um ano então!...

**Suzana** — Ah!... (respirando)

**Firmino** — Está menos fatigada?... Quinta-feira da Semana Santa

**Teodora** — Por onde andou?...

**Suzana** — Andei por [*sic*] onde me levou o amor do próximo: eu tenho rezado três noites em relação ao meu sentido, e tenho para mim que foi o Senhor que me inspirou o que fiz.

**Firmino** — E é segredo de devoção ou de penitência?...

**Suzana** — Para que segredos? O que não é justo, não se faça; o que é justo, faça-se com os olhos em Deus e sem temor dos homens. Corina vem cá. (Corina obedece Suzana a achega)

**Teodora** — Que temos de novo!

**Suzana** — O doutor André de Araújo e Corina se amam...

**Firmino** — Se amam?!!!

**Corina** — Tia Suzana...

**Suzana** — Firmino, tu negaste a mão de tua pupila ao doutor André e eu quis convencer-me da justiça dessa recusa: tenho ainda bons amigos do outro tempo, que receberam em festa a velha Suzana: inquiri a todos, a todos ouvi...

**Firmino** — (Severo à Corina) Retire-se para o seu quarto...

**Suzana** — (abraçando Corina pela cintura) Não: que mal faz que ela ouça o que já sabe?

**Teodora** — Minha tia, que imprudência é essa?...

**Suzana** — Voltei com os ouvidos cheios de elogios ao doutor André: não houve boca que não lhe louvasse as virtudes, não achei coração que o não amasse: como é isso, Firmino?... Além de seus tesouros morais, ele nem pode ser suspeito de interesseiro, porque não é menos rico do que Corina, e tem as mãos abertas para dar aos pobres.

**Firmino** — E quem a convidou a envolver-se neste assunto?...

**Suzana** — Os pais de André e de Corina foram amigos: a afeição dos dois jovens começou na mais pura ligação de suas famílias, e hoje o amor que os está fazendo sofrer na terra, é sem dúvida abençoado no céu. Firmino! Com que direito impedes a felicidade da tua pupila?...

**Firmino** — Donde lhe vieram tais informações?... Mas eu estou vendo... Vejo na confusão da hipocrisia...

**Suzana** — Corina me confessou o seu amor, é verdade: ama um homem digno dela, o seu tutor devia aplaudir a sua escolha, mas aqui se premedita um crime de lesa orfandade; tu por Peregrino, Teodora por Carlos, não quereis que haja fogo santo no altar deste coração inocente!

**Firmino** — Inocente... Ela que engana seu tutor!...

**Suzana** — Oh! Vocês não imaginam que crimes intentam cometer! Pensem bem: o despojo recolhido pelo salteador chama-se roubo, porque é tomado com violência e abuso da força: como se há de chamar a usurpação do dote de uma pupila tomado por meio de casamento imposto pela violência e pelo abuso da autoridade do tutor?...

**Firmino** — Senhora!...

**Teodora** — Minha tia!...

**Suzana** — Eu digo que vocês não pensam no que fazem, mas isso é pecado que brada ao céu!... Oh, faço idéia do que irá por esse mundo com as desgraçadas pupilas ricas! Quantas mártires! Quantos tutores e mulheres de tutores que para enriquecer seus filhos, esmagam os corações e lançam para sempre no abismo da desgraça as míseras órfãs.

**Teodora** — Minha tia nos ultraja.

**Suzana** — (em pé) Meu Deus! Se não há na terra leis que tornem impossíveis tais atentados, sede misericordioso, Senhor, com os pais que morrem esquecidos das suas almas e absolvidos nas aflições do mundo, porque não haverá pai nem mãe que não morram nesse pecado, deixando filha menor exposta à opressão e aos tormentos do tutor ambicioso! Perdoai a esses, meu Deus! E amaldiçoados sejam os tutores que sacrificam as pupilas!

**Firmino** — (a Teodora) Faze calar tua tia... Ou não me contenho mais.

**Suzana** — Disse-vos a verdade: refleti no que tendes feito e tentares fazer: por mim eu me declaro mãe desta menina; mãe no serviço do Senhor: se atentares contra a liberdade de Corina, a pobre velha sairá para sempre da casa do crime; saindo, porém, há de ir logo denunciar ao juiz dos órfãos, ao povo, ao rei o martírio da órfã, e a tirania dos algozes.

**Teodora** — Denunciar-nos!...

**Firmino** — É uma velha demente...

**Suzana** — Sou apenas uma triste pecadora, mas temente a Deus nosso Senhor, o que disse não foi por mal: eu vos amo e padeço pela cegueira com que vos vejo atirados na perdição: pensai bem no que me ouvistes, meus filhos!... Agora vou descansar: vem comigo, Corina, vem...

**Firmino** — Doravante proíbo a Corina a sua companhia.

**Suzana** — Na minha companhia será sempre honesta e pura: sou sua mãe no serviço do Senhor: ela há de vir comigo... Quero poupá-la às tuas asperezas... (a Firmino) afasta-te!...

**Firmino** — (tomando-lhe o passo) Quem manda aqui, senhora?...

**Suzana** — (levantando a cabeça) Aqui e em toda parte, acima de todos... Deus! (comoção: Firmino recua um passo: Suzana passa com Corina)



CENA VI

**Firmino, Teodora, Júlia e Carlos**

**Firmino** — Fanática e demente!... E no fanatismo e na demência a língua desenvolta e envenenada!...

**Teodora** — Com efeito! Minha tia sempre foi intratável com os seus escrúpulos e casos de consciência; nunca, porém a vi tão desatinada e insensata!...

**Carlos** — Insensata!...

**Firmino** — Tenho-a sofrido muito! E se não fosse a sua velhice e a minha reputação, despedi-la-ia de nossa casa, provando assim como desprezo o que ela possui, e que de direito herdaríamos por sua morte... Despedi-la-ia...

**Teodora** — Firmino, ela é irmã de minha mãe...

**Firmino** — Ao menos não quero que continue a desmoralizar Corina: recomendo-te que faças cortar todas, absolutamente todas as suas relações. (passeia agitado)

**Carlos** — (a Teodora) Minha mãe...

**Teodora** — Que queres?... Bem vêes que devo estar preocupada...

**Carlos** — Eu também: é por isso que desejava dizer-lhe já...

**Teodora** — O que?...

**Carlos** — Qualquer idéia que tenha havido de casar-me com Corina, a pupila de meu padrasto, não é mais concebível de hoje em diante.

**Teodora** — E por quê?

**Carlos** — Porque a tia Suzana disse a verdade.

**Firmino** — (com aspereza) A verdade?!?!

**Júlia** — (oferecendo a mão a Carlos que a afasta) Muito bem Meu irmão! Meu Carlos! Acabas de improvisar um belo poema: muito bem...

**Firmino** — Também tu?...

**Júlia** — Também: papai, eu o sinto... o que a tia Suzana disse, caíra-lhe do céu no coração... Foi voz de Deus falando pela boca de uma santa velha... Chorei ouvindo-a... Chorei...

**Teodora** — Tola!

**Júlia** — Tola?... Papai e mamãe adoram-me: adoram-me tanto que eu vejo bem que muitas vezes abuso caprichosa. Papai e mamãe vivem por mim... São felizes com as minhas alegrias doidas... Atormentar-se-iam um século para que eu não padecesse um dia... Eu sei... Adoram-me.

**Teodora** — Feiticeira!...

**Firmino** — Se és um anjo, minha filha!...

**Júlia** — Façam, pois de conta... A idéia é horrível, mas é força imaginá-la... Meu Deus! Perdoai-me a idéia medonha, eu, porém, sou ainda menor... E papai e mamãe estão ali a morrer... (profundamente comovida) eu, sua filha querida, em consternação a chorar... A estender os braços... A pedir compaixão e misericórdia... No pé de mim o tutor que escolheram... Papai e mamãe agonizando abraçados comigo... (chorando) e com os olhos em meu tutor pedindo amor e piedade para sua filha, depois o horror da morte. Sua filha querida só no mundo... E depois... O meu tutor oprimindo-me... O meu tutor atormentando-me... E violentando o meu coração... Impondo-me a escravidão de um casamento forçado. Papai, mamãe... A sua Júlia, a sua filha, o seu anjo a gemer... A chorar... A padecer... A desejar a morte...

**Firmino** — (em pranto) Minha filha!...

**Teodora** — (chorando) Júlia, minha Júlia!...

**Carlos** — (soluçando) Minha irmã... Muito bem!... Eu não brigo mais contigo.

**Júlia** — Oh!... E Corina?... Papai, mamãe, o pai e a mãe de Corina que morreram deixando-a só no mundo?... Oh!... E o papai e a mamãe de Corina? (tristíssima)

**Teodora** — Minha filha, tu és uma santa, que ainda vives no céu.

**Carlos** — Segue-se que a terra pode parecer o céu com o cumprimento da lei a paternidade.

**Firmino** — Mas é preciso viver neste mundo com as condições deste mundo.

**Júlia** — Oh, papai!

**Firmino** — Corina se há de casar com quem deve casar-se.

**Teodora** — Pensa mais em ti do que em Corina: confia em teu pai que é um tutor honrado e consciencioso.

**Carlos** — Ficando entendido que eu estou absolutamente fora de todo e qualquer projeto de casamento,

**Júlia** — (Em outro tom e revoltada) E pela minha parte protesto, que não posso e não hei de esperar um ano.

**Teodora** — Isto é fora de propósito!...

**Júlia** — Eu não fico aí: acabo de tomar uma resolução definitiva.

**Firmino** — Qual?... Vejamos...

**Júlia** — É inútil pensar no meu casamento com Teófilo, se Corina não se casar com o doutor André.

**Firmino** — Oh! Dir-se-ia uma conspiração geral!... É a guerra no seio da família... Teodora, livra-me de Júlia.

**Teodora** — Estás afligindo teu pai; vem, menina. Carlos...

**Carlos** — Eu vou trabalhar no meu romance. (vão-se os três)

## CENA VII

### **Firmino e Peregrino**

**Peregrino** — (a Firmino que vai entrar no gabinete) Meu pai.

**Firmino** — Ah! Peregrino... Se soubesses...

**Peregrino** — Sei tudo já: Teófilo é o noivo de Júlia, e de ajuste com esta e com sua pupila protege a causa do doutor André e lhe prepara o triunfo.

**Firmino** — Pensas!... Teófilo...

**Peregrino** — A maquinação é patente: sei mais que a tia Suzana impelida por Corina.

**Firmino** — Quem te informou de tudo?...

**Peregrino** — Foi Silvia, a criada de Corina, que me está dedicada.

**Firmino** — Ah! Silvia... Contanto que ela não venda também a outro essa dedicação, que sem dúvida lhe compraste: bem vêes que devo desconfiar de todos... o nosso empenho vai mal, Peregrino...

**Peregrino** — Sim, meu pai, o dia é sinistro para mim. Simão de Souza fechou-me a bolsa, e deixei por isso de arrematar hoje dez escravos.

**Firmino** — Fechou-te a bolsa?... E por quê?

**Peregrino** — Anteontem à noite Corina repeliu, como eu esperava, as suas pretensões... E... O que foi pior, e ninguém o suspeitaria, minha madrastra provavelmente com o fim de poupar a seu filho um rival a mais, confessou a Simão de Souza um segredo revoltante...

**Firmino** — Qual?...

**Peregrino** — O de minhas relações de amor com a pupila de meu pai...

**Firmino** — É falso! É impossível!... A desonra de Corina!...

**Peregrino** — Uma dose de veneno, que só a mim pode aproveitar: sem o querer minha madrastra me auxilia...

**Firmino** — Peregrino! Teodora é incapaz dessa infâmia! Simão de Souza mentiu...

**Peregrino** — E se além dele mais alguém tivesse recebido a mesma confiança?...

**Firmino** — Peregrino... Isto é demais... É horrível... Minha mulher é vítima de um aleive perverso...

**Peregrino** — Tranqüilize-se, meu pai... Creio também que caluniam minha madrastra, cuja inocência há de brilhar a toda a luz; mas o ardil de Teófilo, a conivência de Júlia, a intervenção da tia Suzana, esse mesmo aleive perverso que ofende em sua esposa anunciam que a minha causa está perdida se não a salvarmos com o extremo recurso.

**Firmino** — Sempre a idéia do rapto...

**Peregrino** — É o meio vulgar, mas infalível. (aparece Teodora)

**Firmino** — E as conseqüências?

**Peregrino** — Realizado o rapto, o casamento com o raptor satisfaz a lei, e a sociedade o sanciona depois de murmurar alguns dias.

**Firmino** — E eu?... Nunca pensas no tutor!...

**Peregrino** — Delineei plano seguro, no qual meu pai fica livre de toda a responsabilidade...

#### CENA VIII

**Firmino, Peregrino, e Teodora** que tem parado à porta e vai logo entrar no gabinete.

**Firmino** — Com efeito... As circunstâncias urgem, mas eu não quisera recorrer a esse crime...

**Peregrino** — Quem recorre sou eu. Meu pai é vítima da minha traição...

**Firmino** — Se fosse exeqüível...

**Peregrino** — O meu plano?... Seguríssimo: eu lho exponho (vai fechar a porta de entrada depois de observar a do interior)

**Firmino** — Não tranques a porta: vamos fechar-nos no meu gabinete.

**Peregrino** — Tem razão: é mais prudente. (vai-se: aparece Teodora à porta)

**Firmino** — Teodora!

**Peregrino** — (ao mesmo tempo e recuando) Oh!...

**Teodora** — Um rapto!!

**Firmino** — Silêncio!... A senhora vai escutar-nos?...

**Teodora** — Eu vinha dizer-te que desisto de todos os meus intentos relativamente a Carlos e a tua pupila.

**Firmino** — Melhor: está simplificada a questão.

**Teodora** — Vinha dizer-te que por amor de nossa filha a cujo casamento não devemos criar embaraços, te cumpre ir já tratar do consórcio de Corina com o amigo de Teófilo.

**Firmino** — Ah!... Pois que Carlos se revolta, e te desobedece...

**Teodora** — Vinha dizer-te... Mas ouvi a palavra rapto e quis saber tudo: escutei... Sim... E o que fiquei sabendo é ignóbil.

**Firmino** — Teodora!...

**Teodora** — A madrastra era indigna, talvez malvada, porque desejava casar o filho com uma jovem rica, e o enteado, (para Peregrino) e o senhor... É a alma cândida, santo mártir, quando prepara o plano do rapto da pupila de seu pai!...

**Firmino** — Basta... Basta...

**Teodora** — É um homem honesto, tipo de virtudes, exemplo de pureza, quando premedita a vergonha da própria família, a difamação da casa paterna...

**Firmino** — Peregrino... Retira-te! (Peregrino imóvel)

**Teodora** — É um filho modelo que atira às garras da maledicência; — o nome de teu pai, que faz da desonra de teu pai o fundamento da tua fortuna!

**Firmino** — Ponhamos termo a esta cena... Teodora!...

**Teodora** — É um irmão sublime, que, comprometendo o casamento de sua irmã, quer pela infâmia do rapto arrebatara a riqueza de uma órfã que o despreza!...

**Firmino** — Senhora!...

**Peregrino** — Perdão, minha madrasta! Ao menos cuido em pagar a dívida mais sagrada: ouça-me bem! Testemunhas Simão de Souza e d. Estefânia: quero regenerar com o casamento, a vítima de minha sedução, a amante que a senhora me deu na casa de meu pai!

**Teodora** — (confundida) Oh!

**Firmino** — Desgraçada!... Que calúnia atroz!!!

FIM DO QUARTO ATO

QUINTO ATO

A mesma cena do quarto ato

CENA I

**Firmino, Peregrino, e Silvia** que logo se retira

**Firmino** — Que demora!

**Silvia** — Eu estava no 2º andar.

**Firmino** — E Corina?

**Silvia** — Recolheu-se ao quarto da srª. d. Suzana.

**Firmino** — Ainda!

**Peregrino** — Procurou a melhor companhia que pode ter na ausência de minha madrasta.

**Firmino** — Em todo caso não te afastes do lugar onde ela se acha, e cumpre as ordens que tens recebido (entra no gabinete)

**Peregrino** — Silvia, põe-te a janela, e se minha madrasta chegar antes que eu tenha saído, corre logo a prevenir-me. Basta que te mostres à porta desta sala.

**Silvia** — Pode ficar descansado.

**Peregrino** — Com certeza d. Corina não recebeu hoje carta, nem recado?...

**Silvia** — Nem recado, nem carta.

**Peregrino** — Vai para a janela. (vai-se Silvia)

**Firmino** — (saindo) Paga bem a essa criada: é o único meio de impedir que ela venda iguais serviços a outro.

**Peregrino** — Não terá tempo: amanhã será o dia afortunado, se minha madrasta não se opuser à partida de Corina.

**Firmino** — Teodora abateu-se, coitada: parece castigar-se pela injusta difamação de Corina: já lhe perdoei; perdoa-lhe também: foi devaneio de mãe.

**Peregrino** — Aprova ela a retirada da sua pupila para a chácara de Andaraí?

**Firmino** — Tanto ela como Corina concordaram nisso desde que souberam que a tia Suzana vai também para a chácara.

**Peregrino** — Eis o essencial: o mais é simples.

**Firmino** — Peregrino, nós nos expomos a um grande opróbrio; que ao menos o resultado compense o escândalo.

**Peregrino** — Agora o meu empenho é salvar meu pai da mais leve suspeita de conivência comigo. Amanhã de manhã vossa mercê escreverá ao dr. André, marcando-lhe dia e hora para tratar do seu casamento com a sua pupila, a quem dará a agradável notícia; a retirada para a chácara explica-se pela conveniência de separar Corina de mim e de Carlos que pretendíamos a sua mão.

**Firmino** — E que mais, Peregrino?...

**Peregrino** — Amanhã vossa mercê procurará o juiz dos órfãos que, sem dúvida, tomará todas as suas resoluções e principalmente aquela que fará distanciar de seus filhos a noiva do dr. André.

**Firmino** — E à tarde levarei Corina e a tia Suzana para a chácara...

**Peregrino** — E Silvia e Roberto as acompanharão, ficando lá a seu serviço e em sua guarda...

**Firmino** — E tu?...

**Peregrino** — A chácara é solitária, meu pai; as noites de junho são longas, e as que estão correndo agora, escuras e propícias aos ladrões e aos amantes: Silvia e Roberto me estão dedicados; o seu feitor é criatura minha, e tarde, bem tarde, vossa mercê saberá que um filho ingrato lhe roubou a pupila.

**Firmino** — Peregrino!

**Peregrino** — Tenho tudo pronto, meu pai: o clorofórmio para o lenço que sufocará os gritos de Corina, e a tornará por minutos... Insensível... A carruagem para fugir; o abrigo ermo e seguro para ocultar-me por alguns dias...

**Firmino** — Mas se ela morresse... Se involuntariamente a matasses com a perigosa aplicação de clorofórmio...

**Peregrino** — Que receio incoseqüente!... Não vê que eu tenho necessidade de Corina viva?... Sei o que vou fazer.

**Firmino** — Tu nem calculas com a desesperada resistência da vítima!...

**Peregrino** — Meu pai... Amanhã à noite eu me despedirei, ressentido de vossa mercê, recusando o seu desamor e revoltando-me contra a sua autoridade: naturalmente o sr. Teófilo estará aqui, e será testemunha da minha desobediência e ingratidão: um filho tão mau... Um filho que desacata seu pai...

**Firmino** — Que queres dizer?...

**Peregrino** — Digo que tudo está calculado por mim, e que vossa mercê deve poupar-me às explicações. Eu vou ser opressor... Algoz durante alguns dias para ser feliz, rico e esposo estremecido toda minha vida.

**Firmino** — Oh, meu filho... Deveras que planejamos um crime... Sim... O mundo, porém, aí está erigindo altares ao ouro... A sociedade aí está honrando, purificando a riqueza ainda mesmo provinda de fontes turvas e lodosas... E escarnecendo da pobreza ou pelo menos, aviltando-a como o desvalimento do homem de honra que é pobre... Peregrino, o teu casamento lavará a nódoa... Vou... Não hesito mais... Vai... Mas lembra-te bem: nestes casos extremos há só um crime que é imperdoável...

**Peregrino** — Qual?

**Firmino** — O malograr-se o atentado.

**Peregrino** — Posso contar com meu pai?...

**Firmino** — Farei tudo por ti.

**Peregrino** — Corina será sua nora. (beija a mão de Firmino)

**Firmino** — Julgas que desde hoje devo mostrar-me favorável ao dr. André?

**Peregrino** — Não, meu pai; só amanhã: é preciso não dar tempo nem aos assomos da esperança. (Silvia chega à frente e faz-se sentar, tossindo) Ah, chega minha madrastra: sairei sem que ela me veja. (vai-se)

**Firmino** — Silvia! (aparece Silvia) A senhora já entrou?...

**Silvia** — Entraram todos pelo jardim, onde passeiam.

**Firmino** — Todos quem?

**Silvia** — A senhora e seus filhos e o sr. Teófilo.

**Firmino** — Ah!... Teófilo... Vou encontrá-lo...

## CENA II

**Silvia, Suzana e Corina**

**Suzana** — Já chegaram?... Eu ouvi a voz de Júlia...

**Silvia** — Estão no jardim.

**Suzana** — Queres descer ao jardim, Corina?...

**Corina** — Para que, tia Suzana?... Esperemo-los aqui...

## CENA III

**Suzana, Corina, Teodora, Silvia** que se retira.

**Teodora** — Tia Suzana! Adeus Corina: (tirando o chapéu e a manta) você guarda [*sic*] isto (a Silvia que vai-se), passei pelo seu quarto, tia Suzana... (ansiosa)

**Suzana** — Saímos dele agora mesmo...

**Teodora** — Escutam: tia Suzana, eu imponho segredo: se falar, me fará mal: Corina será discreta: é de seu interesse.

**Corina** — Meu Deus!

**Teodora** — Resistam, oponham-se à partida para a chácara do Andaraí... Não vão... resistam...

**Suzana** — Por quê?...

**Teodora** — Peregrino, o meu nobre enteado preparou um plano para o rapto de Corina... E este desterro para a chácara isolada... Deserta...

**Corina** — (abraçando-se com Suzana) Oh!

**Suzana** — E Firmino?

**Teodora** — É pai e ambicioso, como sou mãe, e fui má: não tenho o direito de acusá-lo... Perdão para ambos!... E agora...

**Suzana** — Agora é o crime que provocou a vingança do senhor!...

**Teodora** — Silêncio, minha tia; façam o que disse: resistam ambas: não vão para a chácara... Mas... Segredo: volte para o seu quarto e leve consigo Corina... Depressa... Não me convém que nos achem conversando...

**Suzana** — Por que tem medo de fazer o bem?...

**Teodora** — Oh! Depois direi, confessarei tudo: retirem-se... Depressa... Já sinto passos. Deixem-me só...

**Corina** — Tia Suzana! Vamos... (levando-a)

**Suzana** — (indo e apontando para Teodora) Ali também há pecado, Corina!... (vão-se)

**Teodora** — (caindo em uma cadeira) Ah!... (levanta-se risonha à chegada dos que entram)

CENA IV

**Teodora, Júlia, Teófilo, Carlos, Firmino.**

**Firmino** — (a Teodora) Eu saí por uma porta e tu entraste por outra.

**Teodora** — A procurar-me?... Foi o que me aconteceu, procurando-te: quando entrei por uma porta, tinhas saído pela outra.

**Firmino** — Ao menos voltaram mais cedo do que eu esperava e com o melhor dos nossos amigos.

**Teodora** — E apanhado por feliz acaso: está escrito que Júlia é a mais ditosa das criaturas. (sentam-se)

**Júlia** — Nem tanto; pois que a minha companhia não pode vencer de todo a preocupação amarga do senhor Teófilo.

**Teófilo** — Eu protesto: trazia sobre o coração o peso de grande desgosto e quase que o esqueci, achando-me a seu lado...

**Júlia** — Devo perdoar-lhe o quase?...

**Teófilo** — Deve; porque o desgosto era profundo, e o seu prestígio fez-me alegre...

**Júlia** — Oh, não! O seu olhar e a sua voz foram os bálsamos milagrosos que me curaram a ferida: a sua virtude e consolação angélica que me afoga a lembrança de uma ação indigna de um atentado horrível, que embora me sejam estranhos, abriga a minha reprovação e o meu aborrecimento.

**Firmino** — Um segredo?...

**Teófilo** — Que não é meu, e que posso docemente esquecer-lo aqui.

**Firmino** — Santas palavras! Janta hoje conosco?

**Júlia** — Janta, sim: e eu hei de obrigá-lo a não pensar mais nesse ruim segredo: serei capaz de consegui-lo?

**Teófilo** — Pergunta se pode fazer o milagre depois de tê-lo feito? O que de resto me preocupa é o meio de vê-la aflita por sua vez.

**Júlia** — Como? Por que?...

**Teófilo** — Porque se chegar a saber do que se sabe, há de revoltar-se ainda mais do que eu...

**Teodora** — Algum fato escandaloso...

**Júlia** — Nada há de triste ou de desairoso que possa ter comigo relação...

**Teófilo** — Oh, certamente; mas os corações generosos choram os males, os martírios alheios como se fossem próprios.

**Júlia** — Os martírios!!!

CENA V

**Teodora, Júlia, Firmino, Carlos, Teófilo,** e um criado que traz uma carta

**Criado** — Pelo correio urbano uma carta para sr.<sup>a</sup> Suzana. (Teófilo e Júlia conversam)

**Teodora** — Uma carta para minha tia!... Que novidade!...

**Firmino** — (tomando a carta e a Teodora) Não conheço a letra do subscrito.

**Teodora** — Nem eu.

**Firmino** — (a Teodora) Desconfio desta carta: não a devemos entregar.

**Teodora** — (a Firmino) Cuidado! Teófilo está presente e talvez nos observe... Não seria bonito...

**Firmino** — (ao criado) Leva a carta à sr.<sup>a</sup> d. Suzana. (vai-se o criado) É a primeira vez que a nossa velha tia recebe carta pelo correio... O fato nos tornou curiosos.

**Teófilo** — Ah!

**Carlos** — D. Corina será a primeira a ler a carta; porque sempre que se acha com a tia Suzana é a sua leitora obrigada.

**Teófilo** — Então d. Corina vive confinada aos cuidados da sr.<sup>a</sup> d. Suzana?

**Teodora** — Apenas quando saímos sem ela: fora desses casos vive sempre com Júlia, de quem nunca se separa.

**Teófilo** — Perdão... Escapou-me uma pergunta indiscreta.

**Firmino** — Oh, não houve indiscrição... (conversa com Teodora)

**Júlia** — Pergunte-me tudo: desejo e estimo que conheça toda a nossa vida.

**Teófilo** — (baixo) Deveras d. Corina é aqui sua companheira inseparável?

**Júlia** — De dia sempre juntas estudando ou brincando; à noite dormimos na mesma sala.

**Teófilo** — E que pensa de d. Corina?...

**Júlia** — É tão bonita, como boa.

**Teófilo** — (baixo e sério) Em tudo soa igual?

**Júlia** — (estremecendo de leve) Senhor! Tão pura como eu.

**Corina** — (dentro, grito pungente) Oh!...

**Júlia** — Um grito de Corina!... (em pé)

**Teodora** — Que será?... (querendo ir)

**Firmino** — Vamos ver... (indo)

## CENA VI

**Teodora, Júlia, Firmino, Carlos, Teófilo, Corina e Suzana** que a segue tendo na mão uma carta aberta.

**Corina** — (Em desespero e pranto) Justiça de Deus!... Oh... Justiça!...

**Júlia** — Que é?...

**Corina** — É o horror... A infâmia! (vendo Teófilo) Oh!... Senhor Teófilo, é falso, é falso é falso... (afoga-se em pranto)

**Firmino** — (a Suzana) Que foi isto?...

**Suzana** — A serpente da calúnia mordeu-a no seio virginal.

**Firmino** — Minha filha!...

**Suzana** — Não é sua filha, é sua vítima!

**Teodora** — Minha tia, não estamos sós...

**Suzana** — Que todos me ouçam! Esta inocente menina é uma vítima, para quem dois abismos estão cavados pelo crime: um deles se preparava na chácara maldita, para onde não irei, nem ela irá...

**Firmino** — Senhora... Senhora...

**Suzana** — O outro é a difamação aleivosa, com que para arredar o mancebo honesto que o céu lhe destina para esposo atacam, despedaçam o seu crédito, e com a mais vil calúnia ultrajam a sua pureza!...

**Júlia** — Corina!... A pureza de um anjo. (abraça Corina)

**Firmino** — Senhor Teófilo, não posso explicar o que diz esta senhora... Sou alheio a tudo... Minha pupila está consternada: enquanto me informo do que se passa, ela vai recolher-se ao seu quarto.

**Teófilo** — Não, senhor Firmino; o assunto é gravíssimo: trata-se da honra de sua pupila, e ela deve estar presente ao processo e à sentença. Aquela carta é do doutor André de Araújo que nela expôs à protetora de d. Corina horríveis informações que recebeu hoje em outra carta anônima.



**Firmino** — (tomando a carta da mão de Suzana) Quero ver... (lê) Corina... Amante de Peregrino!... Oh!... Como isto é inf... (encarando Teodora) Eu juro que é falso!

**Júlia** — (com veemência) Que aleive infernal! Que perversidade!... Veja, minha mãe! Veja aquela carta!...

**Teodora** — (luta íntima) Já sei tudo... Delírio de ambição...

**Júlia** — Perversidade!... Veja!...

**Teodora** — Oh, minha filha... Sim... Perversidade... Perversidade... E castigo de Deus!... (Senta-se à mesa e escreve agitada duas cartas)

**Suzana** — Mas a honra de Corina?... Quem a caluniou?... Quem lhe arma traição? É preciso tudo patente e claro, ou eu sairei à rua, e bradarei pela justiça da terra!

**Carlos** — Sim; porque eu também maldigo do caluniador e quero minha reputação ilesa: qual é o crime que se preparava na chácara?... Devo saber...

**Firmino** — É inútil e imprudente explorar seguidos sinistros, ou suspeitas indecorosas: a partida para a chácara não se efetuará: deixemos isso de parte... Está acabado: já tenho confusão e vergonha de sobra...

**Teófilo** — Sim; esqueçamos o mistério da chácara: seja o que for, esqueçamo-lo pelo brio da família a que vou pertencer; a carta anônima, porém, compromete o nome e a honra de uma donzela inocente... Ei-la em torturas de aflição...

**Júlia** — Minha Corina! Minha irmã...

**Suzana** — Cada tormento da inocência vale uma coroa no céu. Levanta a cabeça menina!

**Corina** — Quando minha mãe morreu, eu tinha seis anos: ela me chamou para junto de si... Olhou-me... Disse chorando: “pobre mártir”... E em um beijo — o último — exalou a vida nos meus lábios. Quando meu pai morreu, eu tinha dez anos... Em seu agonizar... ( a Firmino) o senhor estava lá... Ele lhe disse: — seja-lhe pai, meu amigo! Lembra-se?... Depois encostando a cabeça no meu seio... Murmurou quase já sem voz — coitadinha! — e... (em pranto) adeus, meu pai... Adeus, meu pai!...

**Júlia** — Corina!... (chorando)

**Corina** — Palavras proféticas de minha mãe e de meu pai: previram na hora da morte: — pobre mártir, coitadinha — eis o que sou. (Júlia abraça-a)

**Teodora** — (da mesa) Carlos! (Carlos chega-se) Por todo o amor que me deves, por compaixão ao menos, vai a correr e entrega estas duas cartas... Depressa... Tu sabes onde... Aí vai indicado no sobrescrito de ambas: uma no escritório comercial: a outra é para Estefânia: corre, meu filho; eu te peço que corras.

**Carlos** — Sim, minha mãe... Seja o que for... Devo correr. (vai-se)

**Teodora** — (à Corina, pondo-lhe a mão no ombro) Corina!... Tu és inocente e casta, como Júlia! A calúnia será destruída...

**Teófilo** — D. Corina, tranquilize-se: ninguém crê nessa aleivosia satânica; ninguém a ofenderia com uma suspeita, ou eu faria ajoelhar a seus pés o miserável ofensor.

**Corina** — (levantando a cabeça) Mas a aleivosia feriu a triste órfã; e que ela diga mil vezes — é falso — a malícia de uns... A simples dúvida de outros, abafadas, embora no silêncio, estarão sempre a procurar a mancha negra no véu branco da donzela... Oh!... Uma pobre menina que já não tem pai, nem mãe, devia ser objeto da compaixão de todos!... Como é que me assassinam assim!...

**Firmino** — Corina... Minha filha...

**Corina** — (forte) Sua filha?... E a minha reputação?... Oh!... Tome para seu filho toda a riqueza que meus pais me deixaram; mas eu quero insuspeita a minha honra: eu quero!... Meu tutor! A honra da sua pupila?... Amigo suposto de meu pai! A honra da filha do seu amigo?... Meu Deus!... (com desespero) A minha pureza aos olhos do mundo?... Eu sou inocente!... Sou inocente!...

CENA VII

**Teodora, Júlia, Corina, Suzana, Teófilo, Firmino e Criado** que logo se retira — e **André**.

**Criado** — O senhor doutor André de Araújo pede para ser recebido. (sensação geral)

**Corina** — Oh! (cobrindo o rosto com as mãos)

**Firmino** — Dá-lhe entrada.

**Suzana** — (à Corina, apertando-lhe as mãos) Filha! Tem fé!...

**Criado** — (da porta) O senhor doutor André de Araújo. (vai-se — cumprimento geral)

**Firmino** — Tenha V.S.<sup>a</sup> a bondade de sentar-se.

**André** — V.S.<sup>a</sup> me desculpe: sou um cavalheiro que profundamente ofendido vem dar e exigir contas.

**Firmino** — Exigir?...

**André** — Amo sua pupila e por ela autorizado, pedi-lha em casamento: V.S.<sup>a</sup> negou-me: não quero esclarecer o motivo; sou, porém, tão conhecido e, direi, tão estimado nesta capital, que ter-me-ia sido fácil obrigá-lo a sujeitar-se ao que me recusou.

**Firmino** — Senhor doutor...

**André** — Não quis fazê-lo: confiando plenamente na senhora que amo, preferi esperar a expô-la e expor-me às discussões públicas sobre a noiva em depósito e o casamento com intervenção da autoridade. Eu desejava receber minha esposa no altar, sem notoriedade de oposição e de contendas; para que não atacasse de leve nem o mais rápido olhar de reparo injustamente malicioso. V.S.<sup>a</sup> me obrigou ao contrário.

**Firmino** — Tutor de Corina, só darei ao juiz dos órfãos contas do meu proceder, enquanto ela for solteira, e de sua fortuna a seu marido logo que se case. Não tenho a honra de ver em V.S.<sup>a</sup> nem juiz, nem marido.

**André** — Venho da casa do juiz dos órfãos que condenando a recusa, com que V.S.<sup>a</sup> me repeliu, ofereceu-me toda ação da sua autoridade e nem para isso precisei mostrar-lhe o que o meu amor e o santo pudor de sua honestíssima pupila impunham-me o dever de ocultar. V.S.<sup>a</sup> sabe o que é...

**Firmino** — Mas ignoro ainda o fim da acerba visita de V.S.<sup>a</sup>

**André** — Exigir explicações desta carta anônima, caluniosa e malvada que hoje recebi. (apresenta a carta) Tenha a bondade de lê-la! V.S.<sup>a</sup>, como tutor, tem obrigação de destruir torpes falsidades e de vingar a honra ultrajada da sua pupila. Senhor Firmino! Vim pedir-lhe... Quero o nome do difamador aleivoso... Quero-o! Porque em falta do tutor... Eu, o noivo de Corina, tenho o direito e o dever de punir o miserável...

**Teófilo** — André!...

**Firmino** — V. S.<sup>a</sup> certamente não teve a idéia de referir-se a mim, quando pronunciou as palavras difamador e miserável...

**Teófilo** — É preciso não esquecer que ele ama d. Corina, e que o seu coração deve estar abrasado de cólera... André! André!...

**André** — (a Firmino) Eu não estaria falando a V.S.<sup>a</sup> se o julgasse autor desta afronta: as culpas do tutor são grandes... Mas são outras: tenha a bondade de ler. (apresenta a carta)

**Firmino** — Uma carta anônima rasga-se e despreza-se.

**André** — Mas eu li esta carta, senhor! V.S.<sup>a</sup> deve lê-la também! Ela mancha a sua casa... Traz uma nódoa para a sua família... deve lê-la...

**Firmino** — V.S.<sup>a</sup> tem necessidade de acalmar-se: quero ceder... Lerei este vergonhoso escrito. (recebe a carta e lê: Teófilo procura sossegar André: comoção geral)

CENA VIII

**Teodora, Júlia, Corina, Suzana, Teófilo, Firmino, André e Peregrino**

**Peregrino** — (indo a Júlia) Que é isto aqui por casa?

**Júlia** — (a Peregrino) Começo a crer que é a providência que vai entrar nela.

**Peregrino** — (a Júlia) A providência? Não conheço tal senhora.

**Júlia** — (a Peregrino) Pois talvez tenhas de sentir que ela te conhece.

**Firmino** — (rasgando a carta) É uma falsidade indigna que, despedaçada pelo desprezo, o meu criado varrerá do chão.

**André** — Mas eu não posso prescindir do nome e da confissão do caluniador!...

CENA IX

**Teodora, Júlia, Corina, Suzana, Teófilo, Firmino, André, Peregrino, Carlos, Estefânia e Simão de Souza.**

**Carlos** — E ei-los aqui minha mãe.

**Teodora** — (correndo a porta) Bem-vindos sejam! (toma as mãos de Estefânia e Simão, vem com eles à frente) Senhor doutor André de Araújo, quer o nome e a confissão do caluniador?... (ajoelha-se) a caluniadora fui eu! Mas que castigo! Meu filho, sem o pensar, maldisse de mim; minha filha, sem o pensar, chamou-me perversa! (comoção dos filhos) Deus puniu a mãe com a sentença dos filhos!...

**Estefânia** — Teodora... Eu não compreendo...

**Simão** — E eu ainda menos...

**Teodora** — Com o fim de arredar pretendentes de Corina, a quem eu por vil ambição destinava para a esposa de meu filho, disse em pérfido segredo a Estefânia e ao sr. Simão de Souza que essa aliás, virtuosa donzela, entretinha relações secretas... Era... Oh!... Perdão!... Estefânia! Senhor Simão de Souza! Eu menti!... Caluniei a pupila do meu marido!... Perdão... Oh... E tu, Corina, pelo amor de Deus, perdão... (chorando)

**Corina** — (Correndo a ela) Minha mãe... Eu lhe perdô e a amo!... (abraça Teodora — Carlos e Júlia vão levantar Teodora: Carlos beija a mão de Corina)

**Firmino** — Basta, Teodora.

**Teodora** — Não: confessei o meu crime; não carregarei, porém, com o de outrem. Eu não fui autora da carta anônima, em que se explorou a minha calúnia; não fui: juro-o!...

**André** — Quem foi então o desgraçado?...

**Carlos** — (olhando Peregrino) Se ele está presente, e não ousa declarar-se, é muito infame!... (confusão de Peregrino)

**Teodora** — (com os olhos em Peregrino) É muito infame!

**Corina** — (voltando o rosto com desprezo) É muito infame!...

**André** — (olhando Peregrino) Por minha voz... É muito infame!... (silêncio) Segue-se que o criminoso não nos ouve; porque o último dos homens saberia responder à provocação que lhe atiro ao rosto, como se fosse uma bofetada!...

**Peregrino** — (Trêmulo e furioso) Meu pai... O insulto é a mim...

**Firmino** — (a Peregrino) Sim... É... Mas, se não sabes matar... Sabes morrer, ou abisma-te na terra... Sai!... Retira-te! (vai-se Peregrino)

**André** — (vendo Peregrino sair) Senhor Firmino, estou satisfeito.

**Firmino** — Eu não o estou: Corina é sua noiva: a solene confissão de minha mulher lavou-a da nódoa do aive; mas a carta anônima, ignóbil, embora, foi escrita por meu

filho, e os insultos e a bofetada que o senhor lhe atirou ao rosto, aqui estão queimando a face do pai! O tutor cedeu..., o homem revoltou-se, o pai exige desafronta...

**Suzana** — Perdão a todos em nome de Deus!...

**Teófilo** — André, meu amigo!...

**Corina** — André!...

**André** — Peço ao pai que me desculpe das injúrias que dirigi ao filho... Esqueçamos tudo... (oferece a mão a Firmino)

**Teodora** — Firmino, fomos tão culpados!... (Firmino imóvel)

**Júlia** — Meu pai, o esquecimento do passado é o futuro cheio de flores para a sua Júlia.

**Teófilo** — Senhor Firmino...

**Suzana** — És tu, Firmino, que precisas tanto do perdão e da misericórdia do Senhor!...

**Firmino** — É assim: foi a providência que me castigou em meu filho... Senhor doutor... Perdoe-nos todos (dá a mão a André que a aperta).

**Júlia** — (correndo a Corina) Corina! (abraça-a) Portanto não tenho de esperar um ano! Papai; é claro que tudo acabou o melhor possível!

**FIM**